



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO / PGFILE

MARCELO GONÇALVES DE LIMA

**A Educação como caminho para a perfeição humana
em Immanuel Kant**

Campina Grande

2016

MARCELO GONÇALVES DE LIMA

**A Educação como caminho para a perfeição humana
em Immanuel Kant**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como exigência para a obtenção do grau de Especialista em Filosofia da Educação.

Orientação: Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva

Campina Grande

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732e Lima, Marcelo Gonçalves de.
A educação como caminho para a perfeição humana em Immanuel Kant [manuscrito] / Marcelo Gonçalves de Lima. - 2016.
53 p.
Digitado.
Monografia (Filosofia da Educação) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva, Filosofia".

1. Educação. 2. Pedagogia. 3. Esclarecimento. 4. Perfeição.
5. Racionalidade. I. Título.

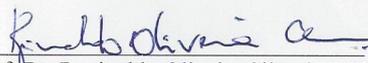
21. ed. CDD 370.1

MARCELO GONÇALVES DE LIMA

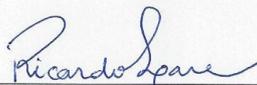
**A Educação como caminho para a perfeição humana em
Immanuel Kant**

Trabalho de Conclusão apresentado ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação (PGFILE) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Aprovado em 27/07/2016.



Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva / UEPB
Orientador



Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva / UEPB
Examinador



Prof. Dr. Valmir Pereira / UEPB
Examinador

A Deus, pelo dom da vida.

Aos meus familiares: Jousy Azevedo Batista Gonçalves (Esposa), Maximiano Correia de Lima (Pai) e Elizabete Batista Gonçalves de Lima (Mãe), presentes em todos os momentos da minha vida.

Ao amigo historiador, Pe. Carlos Antônio Araújo.

Aos professores da Universidade Estadual da Paraíba, em especial ao Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva, meu orientador.

Aos demais familiares e amigos.

“A educação é uma arte, cuja prática precisa ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino.”

(KANT, Sobre a Pedagogia, p. 19).

RESUMO

O presente trabalho, intitulado A EDUCAÇÃO COMO CAMINHO PARA A PERFEIÇÃO HUMANA EM IMMANUEL KANT, pretende ser uma abordagem comprometida com o pensamento filosófico/pedagógico deste importante pensador alemão. Procuraremos descobrir, analisar e problematizar as contribuições deste filósofo no que se refere ao campo da educação como ferramenta de transformação humana. Kant é bastante reconhecido no mundo inteiro, sobretudo, por sua filosofia moral, em razão do seu conjunto de obras, principalmente as *Críticas*. Contudo, é ainda pouco analisado como teórico na área educacional. O que este pensador entende por Educação parte do princípio de que ela é um processo constante e permanente, capaz de levar o homem ao seu aperfeiçoamento como sujeito moral. Isto é, o homem aprende a ser moral por intermédio da educação, que começa desde a mais tenra idade, pelos cuidados físicos, continua com a disciplina, que ajudará a controlar a criança que tende a sair da selvageria e preparar-se para a cultura e a moral. Desse modo, com o terreno racionalmente preparado a criança está pronta para receber a instrução, que será a base para que conviva em sociedade de forma justa, equilibrada e emancipada. Ao final deste processo, o filósofo explica que, cumpridas todas as etapas, o ser humano estará pronto para contribuir para um mundo pleno de paz e plenitude moral.

Palavras-chave: Educação. Pedagogia. Esclarecimento. Perfeição. Racionalidade.

ABSTRACT

This project, entitled EDUCATION AS WAY FOR THE HUMAN PERFECTION IN IMMANUEL KANT'S, it intends to be a committed approach with the philosophical /pedagogical thought of this important German thinker. we seek to find out, analyze and discuss the contributions of this philosopher in field of study as a human transformation tool. Kant is well recognized throughout the world, especially, in moral philosophy, because of set of literary works, especially reviews. However, it is still wispy analyzed as theoretical in education. So, what this thinker meant by education assumes that it is a constant and ongoing process, it able to take the man to his improvement as a moral subject, that is, man learns to be moral through education, starting from an early age, the physical care, continues with discipline, which will help control the child who tends to get out of savagery and prepare for culture and morality, thus, with the ground rationally prepared, the child is ready to receive the instruction that it will be the basis for that coexist in society in a fair, balanced and emancipated way. At the end of this process, the philosopher explains that fulfilled all the steps, the human will be ready to contribute to the world full of peace and moral fulfillment.

Keywords: Education. Pedagogy. Enlightenment. Perfection. Rationality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: IMMANUEL KANT: ASPECTOS BIOGRÁFICOS E FILOSÓFICOS	12
1.1. Carreira acadêmica e Contexto histórico/filosófico.....	12
1.2. Educar para um “τελος”: a finalidade do ensinar.....	15
CAPÍTULO 2: A EDUCAÇÃO COMO NEGAÇÃO DA ANIMALIDADE	19
2.1. Educar-se: uma necessidade humana.....	19
2.2. A função da educação para o desenvolvimento da espécie humana.....	23
2.3. De geração em geração: uma educação para o futuro.....	26
CAPÍTULO 3: A EDUCAÇÃO COMO AFIRMAÇÃO DA PERFEIÇÃO MORAL ...	32
3.1. A dimensão cultural do processo educacional	32
3.2. O entendimento aplicado por meio de regras.....	36
3.2.1 Uma Educação aliada da Moralidade.....	41
3.3. Indicações quanto à educação religiosa das crianças.....	45
3.3.1. Indicações à educação dos jovens.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

INTRODUÇÃO

As linhas que se seguem têm como propósito refletir a problemática da educação do ser humano como forma de superação de sua condição de animalidade, rumo a uma nova postura que o faça humanizar-se, dando-lhe a possibilidade ser verdadeiramente humano, com todas as consequências práticas que isso venha a ter. Para trilhar esse caminho, tomamos como referência central um grande pensador alemão, conhecido no mundo inteiro por sua dedicação à filosofia e pela envergadura de suas ideias, sobretudo naquilo que se refere à sua contribuição para a educação integral do ser humano.

Esse pensador é o alemão Immanuel Kant, cuja obra filosófica é referência para muitos daqueles que viveram posteriormente à sua época. Esse filósofo não esteve entre aqueles que corriam o mundo e, nem mesmo, entre os que figuravam nos grandes debates filosóficos ou culturais da Europa de seu tempo, no entanto, nada disso o impediu de estar conectado aos acontecimentos de sua época e propor soluções para as mais diversas problemáticas.

De antemão, podemos destacar algumas curiosidades sobre a figura deste grande pensador. Conforme verificamos na obra *Grandes Filósofos, Biografias e Obras* (SILVEIRA, 2005, p. 177), Kant foi um leitor de David Hume, o que certamente o fez acordar de seu “sono dogmático”, e foi também admirador de Rousseau. Em linhas gerais, podemos afirmar que ele foi um pensador preocupado em investigar os limites do conhecimento, bem como discutir a questão da moralidade, entre outras tantas questões importantes que são latentes em sua filosofia. Deixou uma extensa obra, o que certamente influenciou toda a filosofia posterior. De nossa parte, temos como objetivo central na presente pesquisa, analisar as contribuições deste pensador no que se refere à questão da educação do ser humano, situando este tema no contexto da sua densa obra e mais especificamente naquilo que encontramos no texto *Sobre a Pedagogia* de 1803, onde o filósofo aponta caminhos válidos para dar conta deste importante tema.

Ao longo do percurso, nas páginas do primeiro capítulo, intitulado “IMMANUEL KANT: ASPECTOS BIOGRÁFICOS E FILOSÓFICOS”, destacamos alguns elementos de sua biografia e principais obras, sem, contudo, adentrar na totalidade dos detalhes que constituem seu percurso filosófico. Posteriormente a isso, no segundo capítulo “A

EDUCAÇÃO COMO NEGAÇÃO DA ANIMALIDADE”, problematizamos a temática da educação do ser humano no contexto do pensamento kantiano, analisando sobretudo as contribuições do filósofo em relação à “educação física” que dá ênfase a uma certa negação dos instintos naturais do homem, na obra que acima mencionamos. Em continuação, o capítulo terceiro “A EDUCAÇÃO COMO AFIRMAÇÃO DA PERFEIÇÃO MORAL”, é dedicado a analisar a questão da “educação prática”, que se constitui como a segunda parte da obra que analisamos e enriquece o caminho percorrido até então, dando direcionamento ao homem para que possa agir segundo a moralidade.

Em nossa pesquisa, não pretendemos esgotar todas as investigações possíveis acerca da mesma obra ou do tema, haja vista o fato destes terem sido tratados por vários estudiosos do conjunto da obra de Kant, em tempos e contextos diferentes e anteriores ao nosso. Além disso, sabemos que a educação é um tema que desperta interesses e enfoques diversos e, por isso, acreditamos que a presente investigação tem validade e relevância, na medida em que consideramos estar executando a análise de uma realidade que julgamos ser da mais alta importância, sem a qual, jamais poderemos galgar os objetivos almejados em todos os níveis: a educação. Além disso, o filósofo que estamos a analisar traz consigo a densidade e importância de alguém que, sem dúvida alguma, configura-se como um dos mais significativos pensadores da época moderna, e que “realizou na filosofia uma revolução que ele próprio equiparou, em virtude de sua radicalidade, à revolução realizada por Copérnico na astronomia” (REALE, 1990, p. 862).

Immanuel Kant é bastante conhecido por seu pensamento capaz de resgatar e sintetizar a filosofia de pensadores que o precederam, mas também por sua capacidade para lançar as bases e apontar novos caminhos que, depois dele, seriam elaborados e desenvolvidos. Suas obras chamadas *críticas* são, sem sombra de dúvidas, seu cartão de apresentação mais evidente, haja vista o fato de ser obras que irão levantar, entre outras coisas, suas grandes questões filosóficas, a saber: a possibilidade do conhecimento e o problema moral, chegando até a estética. Mas a obra kantiana vai muito além dos seus próprios clássicos. Estamos analisando um filósofo cujo pensamento permeou várias áreas do conhecimento e, nesse caso, jamais teria ele se furtado da responsabilidade de dar sua contribuição para a problemática educacional, de uma forma que apontasse consequências diretas e práticas para o futuro da sociedade.

Nesse sentido, acreditamos que o seu pensamento, especificamente suas contribuições para a educação, é como uma árvore da qual podem surgir frutos de sabores diversos, de acordo com o paladar daqueles que experimentam de suas ideias nos tempos atuais. Parece-nos importante trazer as contribuições kantianas para o contexto contemporâneo, em virtude de possibilitar aos educadores de hoje e amanhã, não apenas o contato com tais contribuições, mas também a problematização de suas ideias pedagógicas, para o enriquecimento do debate acerca da educação do ser humano. Dar importância a tudo isso nos fará perceber que falar de educação é reconhecer o que somos no presente, e projetar o que queremos legar para as futuras gerações. De nossas investigações, surgem inevitavelmente possibilidades e hipóteses, que, *a priori*, não podemos descartar totalmente, assim como não pretendemos assumi-las de forma integral, ao menos num primeiro momento.

Assim, surge a seguinte questão: como pode a educação, entendida em nossa pesquisa e na obra kantiana, enquanto meio para a superação da animalidade, em direção à busca da humanização do próprio homem, contribuir para o alcance da autonomia e, assim, formar indivíduos emancipados e livres? Ou, ainda, poderiam as contribuições pedagógicas kantianas servirem como base para responder às problemáticas atuais e os gargalos da educação em nosso país? A resposta a essas e outras questões deverá ser obtida tendo como base as contribuições da obra em análise, a partir da qual a presente pesquisa procura analisar e problematizar o modo como Kant entende a relação entre a educação e o grande processo de evolução e emancipação do homem, que estava em curso no projeto da Ilustração, para, assim, fundamentar uma prática filosófico/pedagógica baseada na formação de homens educados para preparar e educar as futuras gerações.

Nessa perspectiva, queremos dar uma pequena, porém necessária, contribuição para a ampliação do leque de possibilidades de compreensão no que se refere à teoria educacional de Immanuel Kant, e contribuir para apontar caminhos e possibilitar novas descobertas que sirvam de apoio não somente para as práticas pedagógicas trabalhadas nas instituições escolares, mas, até mesmo, para possibilitar a reflexão sobre uma possível redescoberta do papel da família, como célula básica e insubstituível para a formação integral do ser humano, inclusive, para os dias atuais. cremos ser importante salientar que o papel da família no processo de formação da pessoa humana é de fundamental importância, e este será um pensamento sempre presente ao longo da obra do pensador alemão, na qual, sem dúvidas, teremos a oportunidade de observar que peso tem esse tema no conjunto da obra que ora analisamos.

É nossa intenção contribuir de forma eficaz para que nossa pesquisa sirva como mais um passo dado no conjunto de tantos outros que se lançaram nesse largo caminho de possibilidades que é o pensamento kantiano no que se refere à educação, tendo em vista o ideal de ser humano preconizado por esse autor, considerado por muitos como o maior de todos os pensadores modernos. Essa é a nossa intenção, e faremos o possível para observar cada passo dado, tendo em vista a nossa meta que não é exaurir o tema, mas contribuir com ele para o crescimento da compreensão em torno do homem, sua educação, seu ideal de moralidade e sua perfeição por meio dela, sempre na esteira do pensamento ilustrado de Immanuel Kant.

CAPÍTULO 1

IMMANUEL KANT: ASPECTOS BIOGRÁFICOS E FILOSÓFICOS

1.1. Carreira acadêmica e Contexto histórico/filosófico

Immanuel Kant nasceu em 22 de abril de 1724, em Königsberg, Prússia. Era filho de um humilde seleiro (trabalhador do couro), cuja família teria vindo de Tilsit. Sua formação individual foi baseada numa postura pietista. O pietismo era um movimento religioso surgido no século XVII no interior do protestantismo alemão, para a renovação de uma vida piedosa. Em sua concepção, a verdadeira atividade religiosa deveria basear-se na autonomia da consciência, na piedade particular e nas obras de misericórdia, sendo o dogma relegado a segundo plano (HOFFE, 2005). Durante algum tempo, buscou-se encontrar nas obras de Kant resquícios do pensamento pietista, no entanto, todas as referências ao tema parecem mesmo ser em tom crítico e hostil, como se ele fizesse acusações ao fato desta corrente religiosa aderir a certa moralidade que nada faz por si mesma, mas apenas conforma-se em esperar pela graça divina, o que para ele, seria seguramente reprovável.

O jovem pensador cursou a Universidade de Königsberg, onde se formou nas áreas de filosofia e matemática, tornando-se professor da mesma instituição, posteriormente. Este filósofo não foi um homem do qual se pudesse apresentar grandes fatos de notória relevância do ponto de vista externo, tal qual se poderia afirmar em referência a outros pensadores, inclusive contemporâneos seus. Era reservado e equilibrado, de modo que só podemos compreendê-lo tendo como referência central o pensamento expresso em suas obras, e é nesse sentido que é possível considerar que “Kant não possui outra biografia, senão, a história do seu filosofar” (HOFFE, 2005, p. 2). Outros aspectos nos parecem importantes, como por exemplo o fato dele sempre ter demonstrado profundo conhecimento do mundo, embora nunca tenha deixado a região onde nasceu, fato este, que se deve à sua capacidade de leitura e criativa imaginação.

Após a morte do pai, em 1746, Kant sai da universidade e começa a ganhar a vida como professor particular (preceptor), trabalho para o qual não tinha grande inclinação. Apesar disso, esse foi o momento no qual ele se familiarizou com um estilo de vida considerado elegante socialmente e, também, ampliou seus horizontes no que se refere ao conhecimento filosófico e das ciências naturais. Ao retornar a Königsberg, o pensador

desenvolve uma clara atividade produtiva. Em 1755, Kant consegue obter seu título de mestre em filosofia, com uma tese sobre o fogo: *Meditationum quarundam de igne succincta delineatio*. No mesmo período obteve a livre docência com o estudo *Nova elucidação dos primeiros princípios do conhecimento metafísico*. Durante os primeiros anos de exercício da docência, permanece sob um certo silêncio, praticamente nada escreve de relevante. No entanto, apesar de mostrar êxitos pedagógicos e científicos, é somente em 1770, aos 46 anos, que ele consegue a almejada cátedra de lógica e metafísica. A longo deste período vai desenvolvendo um estilo de vida mais sociável e aberto aos encontros com a sociedade, em almoços, jogos e visitas a cassinos de oficiais.

Na esteira da filosofia teórica de David Hume (1711-1776), e da filosofia prática de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Kant ocupa-se dos antigos problemas metafísicos, tais como: as provas da existência de Deus e os fundamentos da moral, e embora reconheça que tais problemas não têm fácil solução, sobretudo quando se dispõe apenas dos métodos tradicionais do pensamento. Assim, vê-se obrigado a deixar a metafísica tradicional de lado para, então, lançar as bases para uma metafísica futura baseada em outros pressupostos. Nessa esteira, sabemos que “Kant exige, não só para os princípios da teologia natural, mas também para os da moralidade, o máximo grau de evidência filosófica” (HOFFE, 2005, p. 16).

A certa altura, Kant já não reconhece a metafísica como um sistema racional, mas como uma ‘ciência dos limites da razão humana’, no entanto, não consegue até então estabelecer esses limites, o que doravante será sua meta principal. Cabe, no entanto, ressaltar que seu caminho rumo à filosofia crítica não é nada fácil nem, tampouco, retilíneo, mas é cheio de percalços entre projetos que se auto anulam até chegar onde se propunha o filósofo. Após mais de uma década de idas e vindas, quando revisou e reorganizou alguns conceitos, Kant escreve, em 1781, a *Crítica da razão pura*, um livro que teve uma preparação lenta, algo em torno de uma década, embora se tenha apressado a sua conclusão num espaço de quatro meses, entre 1779 e 1780. Essa obra, ao contrário do que esperava Kant, não teve a princípio, uma receptividade efusiva, nem mesmo entre os filósofos.

Anos depois, nasce a primeira obra moral: *Fundamentação da metafísica dos costumes* de 1785. Essa obra foi gestada durante duas décadas, tendo como pano de fundo a tentativa do filósofo de desenvolver um sistema de filosofia moral, resultado de seus pensamentos em torno da história humana e as consequências desagradáveis de seu progresso natural, no que se refere aos seus membros individuais. Essa obra é, portanto, clássica para a história da ética

e se propõe a estabelecer os pressupostos para o sistema ético kantiano. De acordo com Wood (2008, p. 32), na obra kantiana, “as aplicações do princípio moral são discutidas somente por meio de alguns selecionados e não fornecem uma teoria sistemática dos deveres”. O que só será ampliado posteriormente, quando Kant irá escrever a *Metafísica dos Costumes*, em 1797.

Em 1787, surge a nova versão da *Crítica da razão pura*, que, no entanto, por perceber que sua discussão sobre a razão prática seria muito extensa para ser acrescida a uma obra que já era longa, em 1788, o filósofo publica *Crítica da razão prática*, separadamente, como uma segunda *Crítica*. Essa obra surgiu da necessidade de responder às críticas recebidas quanto à obra *Fundamentação* e, ainda, se deve ao fato dele querer retomar alguns pontos da obra *Crítica da razão pura*. Em 1790, surge a *Crítica da faculdade do juízo*, cujos motivos para sua confecção são de difícil compreensão. Sabe-se, contudo, que o autor estava há tempos refletindo sobre a questão do gosto e do juízo do gosto e gostaria de chegar a termo em relação ao tema com a tradição moderna de pensamento, em autores como Baumgarten e Hume.

Após o período das obras críticas, mais precisamente em 1792, Kant é nomeado decano de sua Faculdade, do mesmo modo, é escolhido presidente da Academia de Berlim. Dois anos depois, ele publica seu livro *A religião nos limites da simples razão*. Esta obra é o seu escrito principal sobre a religião, embora não seja o único, e o levará a ter problemas com as autoridades monárquicas da Prússia, que lhe exigem uma retratação e, a partir de então, o pensador envereda por um momento em que tem de se defender diante dos seus acusadores, sobretudo em razão dos seus posicionamentos em relação à religião expressos na obra, considerados controversos e subversivos pelo monarca Frederico Wilhelm II.

No ano 1795, é publicada a obra *A Paz perpétua – um projeto filosófico*. Essa obra apresenta, de certa forma, a transição da Europa Feudal para um outro sistema liderado pela burguesia que ascendia naquele momento, e levado adiante pelas ideias iluministas que tinham como premissa básica o ser humano livre e emancipado. No ano seguinte, Kant abandona a sua atividade docente, o que certamente lhe dá mais tempo para dedicar-se à obra que viria a seguir, em 1797, a *Metafísica dos Costumes*, na qual ele terá a oportunidade de aprofundar seu pensamento com relação aos princípios metafísicos da moral e da lei.

Em 1798, o pensador escreve algumas cartas que, reunidas, tiveram como título: *Sobre a indústria do livro*, sendo também neste mesmo ano a publicação de sua *Antropologia*, obra que apresenta um pensamento bastante pragmático quanto ao tema. Já no ano 1800, o filósofo

publica a sua *Lógica*. Nesse ponto, é importante ressaltar que ele colecionou admiradores e críticos. Sua longa carreira na Academia o tornou referência para muitos, e suas preleções, que certamente estavam carregadas de suas ideias filosóficas e posicionamentos quanto ao que entendia como necessidade para o projeto de ser humano apontado pela Ilustração, estavam latentes desde sempre em suas falas a seus alunos e interlocutores.

Estamos, sem dúvidas, diante de um pensador profundamente comprometido com o projeto de emancipação humana resultante da Ilustração. Faz-se necessário ressaltar que a Ilustração é muito mais que apenas um movimento intelectual e filosófico do século XVIII, caracterizado pela centralidade da ciência e da racionalidade crítica no questionamento filosófico. Trata-se de um projeto muito amplo e com ramificações que permearam várias áreas. Para demonstrar que a explicação quanto a isto é bem mais ampla, relembramos as palavras do próprio filósofo em *Resposta à pergunta: Que é o “Esclarecimento”?* (*Aufklärung*) (1783, p. 516):

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*].

É desse entendimento do que se pode perceber que o Esclarecimento é muito mais que uma época histórica. É, antes, uma nova postura do homem, como resultado de um longo processo que desemboca em uma atitude de ousadia e liberdade racional. E, é justamente nesse contexto que, em 1803 é publicado um texto chamado *Sobre a Pedagogia*. Este texto é resultado de várias preleções, ministradas aos alunos de Pedagogia da Universidade de Königsberg, pelos idos de 1776/77, 1783/84 e 1786/87, e sua publicação contou com a autorização do filósofo.

1.2. Educar para um “τελος”: a finalidade do ensinar

Além do projeto iluminista, nos parece importante destacar que as contribuições pedagógicas de Kant são indissociáveis da sua compreensão daquilo que é a filosofia da história humana, que em contexto próprio, deve ser entendida à luz do conceito de liberdade. Quando essa história se dá de forma regular, pode inclusive dar sentido “àquilo que se mostra confuso e irregular nos sujeitos individuais” (CARVALHO, 2010, p. 2). Nesse sentido, Kant aponta para uma questão fundamental: a resposta para as ações humanas está na natureza,

uma vez que o homem não se explica por si mesmo. No decurso muitas vezes absurdo dos acontecimentos humanos, não é possível, aos olhos de muitos, afirmar que haja um *propósito* claro e racional próprio. Nesse sentido, “Kant considera o homem como um ser dotado de potencialidades que podem e precisam ser desenvolvidas para a realização máxima de suas disposições originais que é o aperfeiçoamento cada vez maior da humanidade” (CARVALHO, 2010, p. 2). Daí, temos o fio condutor que nos levará em direção à preocupação presente no filósofo: mostrar a importância do processo educacional, para que o ser humano possa trilhar o caminho da plena realização de suas potencialidades.

Em Kant, há um ideal a ser alcançado, conforme vemos no texto *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita* (1784), quando afirma que “todas as disposições naturais de uma criatura estão destinadas a um dia se desenvolver completamente e conforme um fim” (KANT, 1999, p. 11). Estamos diante de uma teleologia¹ da natureza, que precisa ser levada em consideração, sob pena de deixarmos de lado uma característica essencial da ação humana no que se refere ao seu próprio progresso e plenitude. Assim, é preciso ter pleno conhecimento das regras do jogo para que possamos compreender o processo como um todo, tendo como referência as contribuições kantianas. Mas, como o interesse pelo conhecimento racional aflora no homem? Para Kant, o homem é o único ser capaz de se predispor a essa busca vital que, no entanto, se desenvolve nele como espécie e, não como indivíduo isoladamente. Assim, ao se considerar o homem dotado de racionalidade, é possível fazê-lo adentrar no processo educacional, que o fará desenvolver suas potencialidades naturais, sem as quais a vida tornar-se-ia inútil e infantil.

Nessa perspectiva, o ser humano passa a retirar de si mesmo a capacidade de ir além daquilo que sua natureza mecânica lhe impõe. Ele passará a ser artífice e participante ativo do processo que o elevará a patamares maiores, tudo isso, sob a chancela da razão, livre do instinto, para que, assim, possa chegar a uma feliz perfeição, sempre lançando mão da vontade livre e da razão. Assim, torna-se possível afirmar que a educação é a mola propulsora desse desenvolvimento, tendo a responsabilidade de proporcionar ao homem este objetivo ambicioso e necessário, e é nesse sentido que às gerações anteriores sempre caberá o papel de preparar as gerações futuras para:

¹ Teleologia é uma palavra de origem de dois termos gregos: telos (fim, finalidade, chegar a um fim previsto, pleno acabamento, o que deve ser realizado ou cumprido) e logos (palavra, o que se diz, faculdade de raciocinar, explicação, estudos, conhecimento de). Assim, ela significa o estudo e a reflexão filosófica dos fins, isto é, do propósito, objetivo ou finalidade.

[...] um degrau a partir do qual elas possam elevar mais o edifício que a natureza tem como propósito, e que somente as gerações posteriores devem ter a felicidade de habitar a obra que uma longa linhagem de antepassados (certamente sem esse propósito) edificou, sem mesmo poder participar da felicidade que preparou (KANT, 1999, p.13).

Esse objetivo não se dá sem o inevitável enfrentamento de dificuldades, que trazem em si mesmas a chave para o crescimento e a superação. O homem tem necessidade de viver em sociedade, de estabelecer relações mais ou menos desejadas com seus semelhantes, tendo em vista seu próprio amadurecimento, que, por vezes, advirá do próprio enfrentamento diante dos obstáculos provenientes até mesmo dos outros homens. É preciso, portanto, resistir para crescer forte e evoluir, assim como, também, é necessário ao homem compreender o projeto natural ao qual deve tender toda a sua vida, nesse sentido, a tentativa kantiana é, de fato, na direção de estabelecer uma filosofia da história que se fundamenta na ideia de descobrir no mundo um curso regular, um germe de *Esclarecimento* que nos prepare para um grau mais elevado de aperfeiçoamento. É aqui que a educação tem sua magna tarefa: levar o homem ao cumprimento daquilo que se espera dele, a superação da animalidade, em vista de alcançar a sua plenitude, sua realização enquanto humano, tal é o sonho proposto pelo iluminismo kantiano.

Tal qual em sua filosofia da história, vemos na filosofia da educação de Kant, a perspectiva de um *sentido* para as coisas, para o ser humano, há um caminho teleológico a ser percorrido. Por esse caminho, foram deixadas sementes, nas quais estão todas as indicações e potencialidades que, *a priori*, são essenciais para que se possa chegar ao destino esperado. À educação caberá, portanto, ajudar o homem a cultivar tais sementes no solo do próprio *eu*, para que posteriormente surjam os frutos. Embora os animais cumpram seu destino por instinto, o homem não é obrigado a fazê-lo sem ter consciência do processo que ocorre, em razão do fato de que “o indivíduo humano não pode cumprir por si só esta destinação, esta finalidade, pois, não pode ser atingida pelo homem singular, mas unicamente pela espécie humana” (KANT, 1999, p.19). E aí está exposto o lugar e participação do homem nessa conjectura, ele é ativo e consciente pela sua própria condição de um ser racional e livre.

No pensamento kantiano encontramos um posicionamento que aponta para o homem como um ser para o qual há uma destinação para aquilo que o transcende. O homem é um ser para o infinito e, deve, portanto, inclinar-se a cumprir esse ideal: “O destino do homem, portanto, é o infinito” (REALE, 1990, p. 932). É seguindo este caminho que queremos ter como bússola as hipóteses que foram expostas desde o princípio deste trabalho, para que não

percamos de vista os objetivos almejados. A questão sobre a maneira pela qual a educação poderá contribuir de forma decisiva para que o homem possa superar seu estado de animalidade e, enfim, libertar-se, para chegar a um processo de humanização, é algo que permanece sendo nosso foco e sendo assim, as páginas que se seguirão para o próximo capítulo serão de fundamental importância para que tenhamos a ciência daquilo que pensa o filósofo de Königsberg acerca destas questões.

Conscientes dessa premissa, queremos, doravante, realizar uma análise, que tanto quanto seja possível, possa contribuir para o aprofundamento das ideias kantianas expressas nas páginas do texto *Sobre a Pedagogia*, sobretudo, a primeira parte da obra, em que ele procura mostrar a necessidade de se submeter o ser humano ao processo educacional desde cedo, para que se tenha um resultado satisfatório no tocante aos objetivos traçados. A partir do pressuposto de que tudo isso é parte de um grande e ambicioso projeto de nível coletivo, faz-se necessário levar o homem a adentrar nesse universo o mais cedo possível para que seja bem formado e, desse modo possa cumprir bem a finalidade para a qual foi educado, pelos pais em âmbito familiar, e posteriormente pelos mestres em âmbito escolar, conforme poderemos observar nas páginas que se seguirão.

CAPÍTULO 2

A EDUCAÇÃO COMO NEGAÇÃO DA ANIMALIDADE

2.1. Educar-se: uma necessidade humana

O texto de Immanuel Kant que tem por título: *Sobre a pedagogia*, começa afirmando categoricamente o seguinte:

O homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com formação. Consequentemente, o homem é infante, educando e discípulo (KANT, 1999, p.11).

Estamos diante de afirmações que delimitam bem o terreno de ação sobre o qual o filósofo irá direcionar seus argumentos, sobretudo no que se refere ao objeto de preocupação central: o homem em processo de formação. Mas, que homem seria esse? Um homem que deve evoluir para um estágio muito mais elevado, deixando seus instintos naturais para trás, e avançando para um processo de superação de si mesmo, para que possa encontrar-se de fato com a realização de suas potencialidades. É possível perceber que nas primeiras linhas já está explícita aquela preocupação presente no pensador, e, também, em tantos outros filósofos que o precederam, no que se refere à intransponível realidade que difere substancialmente o homem dos animais na natureza: a razão. Mas esta capacidade racional tem necessidade de ser polida, desenvolvida, em outras palavras, o homem racional precisa ser educado constantemente.

Nessa perspectiva cabe compreender o que o autor entende por educar. Em Kant, educar é “cuidar desde a infância”, isto é, conservar e tratar a criança de forma que se possa garantir uma preparação inicial que seja satisfatória, para que ela possa chegar às fases seguintes, que serão a disciplina e finalmente a instrução. Em consequência disso, o homem é “infante, educando e discípulo”, conforme o autor. Infante, porque está, de certa forma, sob os encantos próprios dos primeiros momentos da existência, quando tem necessidade de ser levado pela mão para cumprir o que é necessário. Educando, porque esse é um processo contínuo, do qual não é possível prescindir. E discípulo, porque deve procurar manter sua disposição para tais propósitos de forma permanente pela assimilação cultural.

Assim, Kant afirma que *cuidar* é fundamentalmente diferente de garantir nutrição, ou proteção. Cuidar vai além destas categorias elementares. Por isso, os animais, embora tenham

necessidade de nutrição, não têm necessidade de serem cuidados. Aqui, se percebe o que o autor entende por *cuidados*: todas as precauções que os pais têm para que seus filhos não façam uso nocivo de suas próprias forças vitais. O homem nasce em condições análogas aos animais, no entanto, ao ser confrontado com a *disciplina*, a animalidade converte-se em humanidade, consequência de um necessário processo de educação. Nos animais, há uma espécie de razão exterior que de forma *a priori* toma a iniciativa de garantir a proteção necessária para eles.

Para o ser humano o processo é essencialmente diverso, pois a razão protetora humana deve ser construída por ele ao longo do seu processo de humanização proporcionado pela educação. Em outras palavras, o ser humano precisa “realizar-se”, pois o seu projeto de conduta está por fazer-se e, já que ele vem a este mundo em “estado bruto”, outros precisam iniciar o processo por ele. Seguindo essa linha de raciocínio, em *Sobre a Pedagogia*, Kant afirma que o homem vai estabelecendo pouco a pouco, por seu próprio esforço, todas as possibilidades qualitativas naturais que já lhe são próprias, mas que ele tem necessidade de desenvolver de maneira eficaz.

Para Kant, a *disciplina* assume um papel fundamental, haja vista que sua função seria justamente a de frear o humano em sua tendência de ir ao encontro de suas inclinações animais. Ao cumprir essa missão, a disciplina assume seu caráter negativo, pois sua função é impedir, desviar o homem de sua selvageria, na qual este não se submete a nenhuma lei, e redirecioná-lo ao seu foco necessário, que é exatamente confrontar-se com o mundo e suas leis, às quais terá de aprender a submeter-se. Esse ponto é muito relevante, haja vista ser uma tarefa magna da educação nesse processo por meio do qual ela é uma saída para o homem. Mais que isso, ela é uma saída libertadora, capaz de fazê-lo elevar-se de um estado de animalidade e selvageria para a sua humanização. Um homem capaz de domar suas paixões e desejos mais elementares, por sua racionalidade, em busca de bens mais elevados, tudo isso sob o patrocínio da educação realizada disciplinarmente. Ao negar-se a si mesmo, em sua realidade mais rude, o homem encontra-se com suas próprias capacidades e pode atingir seu potencial de humano, capaz, livre e emancipado.

O filósofo, então, segue dizendo: “Assim, as crianças são mandadas cedo a escola, não para que aí aprendam alguma coisa, mas para que aí se acostumem a ficar sentadas tranquilamente e obedecer pontualmente aquilo que lhes é mandado” (KANT, 1999, p 13). Tudo isso, para que futuramente possam responder contrariamente a cada um dos seus próprios caprichos que venham a surgir. Kant aponta a liberdade humana como motivação

para que tão cedo seja imposta a disciplina, tendo em vista que o homem é afeito à liberdade, e desta forma quererá levar sua vida conservando certos traços de selvageria. Caso não lhe seja mostrado, na mais tenra idade o valoroso caminho da disciplina, o exercício ilimitado da liberdade acabará por levá-lo à ruína.

O filósofo apresenta certa crítica até mesmo a uma afeição materna exagerada, que trará consequências nefastas para o futuro adulto, no momento em que, para o mesmo, se faça necessário enfrentar os obstáculos da sua própria vida no campo dos afazeres do mundo. Os homens são inclinados à liberdade, ao passo que para os animais o que lhes move é o instinto, daí decorre a diferença quanto à necessidade de se educar somente o ser humano, para que conheça os limites que contribuirão para sua própria humanização. Para os animais, os limites já estão estabelecidos por sua própria natureza, por isso não têm necessidade de adentrar em um processo ao qual chamamos de educação.

Na obra, desde as primeiras linhas, nos parece clara a intenção do autor em demonstrar que a formação humana compreende essencialmente as fases de *disciplina* e *instrução*. Apesar de logo afirmar que os animais não têm necessidade da instrução, Kant cita o exemplo dos pássaros como exceção, quanto à aprendizagem do canto, pois os filhotes ‘aprendem’ naturalmente a cantar com seus pais. Aqui ele exalta a tradição do canto como a mais fiel do mundo (KANT, 1999, p. 15). O ser humano, porém, tem necessidade da instrução, para que assim possa adentrar no mundo da cultura, onde estará apto para realizar aquilo que aprendeu. Seu culto é um estágio que vem como consequência para aquele que foi disciplinado desde cedo. A instrução é a maneira de fazer surgir e crescer as habilidades que são imprescindíveis para que se possa alcançar os objetivos almejados. Ser hábil ou culto não garante por si só, ao homem, a conquista do ideal que dele se espera, mas, faz o ser humano preparar-se para as circunstâncias mais variadas, caso elas venham a ocorrer, o encontrarão preparado e instruído para o que for necessário.

A obra que analisamos pretende investigar o quanto esse processo de humanização do próprio homem depende decisivamente do seu processo educacional, ao ponto de o autor chegar a afirmar que o homem é “aquilo que a educação faz dele” (KANT, 1999, p. 15). Como já mencionamos, esse processo “se aperfeiçoa por várias gerações” (KANT, 1999, p. 15), e assim sendo, os pilares basilares da educação, já mencionados em nossa abordagem, são indispensáveis inclusive para aqueles que no futuro serão mestres dos seus semelhantes. Um mestre com formação deficitária, fatalmente levará uma formação deficiente para seus educandos.

Há, ainda, um outro elemento perceptível na obra kantiana, no qual a certa altura, surge uma crítica ao pouco caso feito pelos grandes quanto à promoção da educação para o crescimento e aperfeiçoamento do ser humano. Disciplina e instrução (cultura), embora sendo ambas essenciais para o processo de formação, a disciplina, aos olhos de Kant, parece preceder mesmo a cultura. A ausência desta última poderia ser corrigida ou ao menos minimizada com o tempo, ao passo que a ausência da primeira seria causa de irremediável defeito que certamente seria carregado por toda a vida, já que a disciplina é de suma importância sobretudo para corrigir falhas naturais com as quais a criança tenha nascido, e com as quais não deverá permanecer, caso se deseje realmente fazê-la alcançar seus ideais por meio da educação.

Percebe-se ainda ao longo da obra, um autor entusiasmado com as grandes potencialidades humanas que poderiam ser desenvolvidas por meio da educação, mas, uma educação bem direcionada, que aponte para o rumo certo e encontre o equilíbrio necessário para o bom cumprimento de sua missão. Para isto, o possível desenvolvimento de uma teoria da educação certamente traria perspectivas novas, embora se reconheça que não seria possível realizá-la imediatamente, já que esse é um processo que não se contenta com a realidade presente, mas, aponta para um futuro promissor. Kant vai além, e procura demonstrar que os ideais foram feitos para ser cultivados, não obstante os empecilhos e obstáculos, é preciso ir adiante, passo a passo, rumo à meta, sem perder de vista a educação como ferramenta de efetivação desses mesmos ideais do homem moderno.

As ideias são necessárias, mesmo se ainda não se verificam ou comprovam na experiência concreta, estão por fazer-se, por realizar-se no âmbito do desejo daqueles que querem vê-las tornarem-se realidade. É certo que o autor se refere à perspectiva educacional, a qual é objeto de aprofundamento na presente análise. Para ele, não há dúvidas quanto ao fato de que o homem pode alcançar um grau de aperfeiçoamento que seja capaz de tornar plenas as suas potencialidades naturais, sendo completamente legítimo e verdadeiro em si mesmo esse intento. Estamos diante de uma abordagem que considera que a humanidade tem uma destinação, uma finalidade positiva a alcançar. Essa abordagem, embora reconheça a realidade da educação que está inserida no período contemporâneo do autor, reconhece também que aquele modelo educacional que era vigente não era capaz de lançar as bases para os ideais propostos pelo pensador em sua obra.

O filósofo jamais renuncia às suas afirmações de que somente através da educação (realizada na medida certa), haja real possibilidade de fazer o ser humano alcançar o pleno

desenvolvimento e em última análise fazer cumprir sua finalidade mais sublime. Porém, para que isto se dê, é preciso que o homem tenha uma consciência formada quanto àquilo que ele pensa de si mesmo, isto é, a formação de um conceito de homem que seja razoavelmente aplicável, aceitável e compreensível para ele mesmo. Caso contrário, os *meios* pelos quais se quer trilhar o caminho tornar-se-iam confusos, pois os *fins* não estariam claros. Ressaltamos que a *disciplina* e a *instrução* são esses meios necessários através dos quais será possível alcançar esta finalidade evolutiva do ponto de vista moral, não sendo possível prescindir deles, deixá-los de lado, ou negligenciá-los ao longo desse caminho a ser percorrido.

2.2. A função da educação para o desenvolvimento da espécie humana

É relevante ressaltar, que quando o autor afirma a possibilidade de se chegar a essa “perfeição” no processo de humanização como resultado da educação, ele tem presente o fato de que isto não se dá de forma individual, isolada. Tudo ocorre de maneira coletiva, isto é, a *espécie humana* é que poderá alcançar tal objetivo, não um ser humano singularmente, conforme verifica-se no fragmento abaixo:

A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino. (KANT, 1999, p. 19)

Na continuidade dessa perspectiva, Kant aponta para uma direção em que demonstra certa crença de que haveria sido depositada no homem, pela Providência, uma “predisposição para o bem” (KANT, 1999, p. 19). É justamente a partir desse pressuposto que se quer avançar no processo educacional da espécie humana em todas as circunstâncias, sejam elas positivas ou até mesmo negativas. No entanto, essas disposições para o bem não teriam sido entregues ao homem de forma acabada, mas devem ser cultivadas, desenvolvidas tendo em vista a sua aplicação. Para ele, o desenvolvimento dessas disposições para o bem é um *dever*, ao qual não se deve renunciar. Para quem é bom, é preciso estar disposto a melhorar, se aperfeiçoar e se educar, para quem é mau, é preciso “produzir em si a moralidade” (KANT, 1999, p. 20). Ao reconhecer que os conhecimentos dependem da educação e esta, por sua vez, também depende deles, Kant quer demonstrar ainda que a tarefa de educar é realmente difícil, sendo mesmo o mais árduo processo pelo qual devem passar os homens. A tarefa de governar

e a tarefa de educar aparecem como dois empreendimentos difíceis para os quais não deve haver qualquer negligência.

Surge uma questão relevante: de onde deve partir o processo de desenvolvimento das potencialidades humanas? Do estado *rude* ou do estado *culto*? O autor afirma que em alguns casos ficou provado que os rudes acabam por recair em seu estado anterior, sendo pouco provável que se consiga algum progresso nesse intento. Aqui, a obra kantiana estabelece a *escrita* como ponto de partida para aquilo que hoje conhecemos por *civilização*. E afirma que a educação, entendida como uma *arte*, parte de duas raízes possíveis: *mecânica* (ordenada sem um plano prévio) ou *raciocinada* (o modelo pedagógico ideal). A mecânica não é usada, senão, em alguns momentos mais imediatos, nos quais o ser humano deverá perceber e distinguir por experiência se uma coisa é útil ou prejudicial a si mesmo. Essa perspectiva não está livre de enganos e imprecisões, haja vista que não é resultado de um plano pré-estabelecido. Por outro lado, a “arte da educação” ou *pedagogia* deve ser raciocinada por essência, caso se queira realmente levar a cabo a tarefa de conduzir o homem a alcançar sua finalidade última. A pedagogia deve tornar-se um estudo por meio do qual se estabeleça que o processo educacional deva superar uma visão meramente mecanicista e venha a assumir plenamente uma posição de ciência, evitando-se, assim, que uma geração destrua tudo aquilo que foi construído por uma geração que a precedeu.

Assim, Kant demonstra que, ao contrário do que fazem muitos pais, que educam os filhos com base no presente, ainda que este seja flagrantemente corrupto, é preciso educar na perspectiva do futuro, da melhor forma possível, para que nesse futuro, tenhamos uma realidade muito melhor. Em outras palavras, faz-se necessária uma educação que aponte para o ideal de ser humano autônomo, emancipado, racional e plenamente moral que se quer alcançar, no contexto próprio, para uma finalidade última que, embora sendo um ideal, é legítimo e é necessário, conforme o seu pano de fundo contextual: *A Ilustração*. Aqui, reiteramos que esse movimento ilustrado deve ser entendido como uma postura de evolução da humanidade enquanto espécie, ou seja, a história humana em geral e a história de cada indivíduo pessoalmente é uma marcha que inexoravelmente chegará em seu ápice do ponto de vida racional, e a educação é parte essencial e indispensável nesse processo de autoafirmação do humano que está por fazer-se até alcançar a estatura desejada nos moldes que estamos a analisar. O contexto filosófico em que Kant está inserido é profundamente marcado por esses ideais, e, evidentemente, seu pensamento está deveras inserido nesse universo conceitual voltado para um novo modelo de ser humano, livre, autônomo, emancipado e racional.

Aqui, aparecem dois obstáculos. O primeiro refere-se à preocupação dos pais em que seus filhos sejam meros reflexos daquilo que deles se espera no mundo; o segundo reside no fato de que os príncipes desejam que seus súditos sejam apenas instrumentalizados para servirem aos seus propósitos. Cada um destes encontra-se em seus próprios domínios. Os pais em suas casas, os príncipes no Estado, no entanto, ambos, convergem para deixar de lado o bem da coletividade, que é justamente colocar-se em marcha rumo a seu destino final de perfeição. A proposta kantiana reside justamente na tentativa de lembrar que o “o estabelecimento de um projeto educativo deve ser executado de modo cosmopolita” (KANT, 1999, p. 23), isto é, lançar o olhar de forma ampla, para que se possa alcançar uma ambição muito maior, sem medo, sem sucumbir à tentação de pensar que o bem geral possa ser um obstáculo às nossas pretensões particulares, algo que, segundo Kant, jamais ocorreria. “Uma boa educação é justamente a fonte de todo bem neste mundo” (KANT, 1999, p. 23), exclama o filósofo.

Dentro de um contexto de otimismo, que é próprio dos ideais da Ilustração no século XVIII em relação ao ser humano, Kant afirma que os ‘germes’ que foram colocados no ser humano, são, na sua totalidade, bons, portanto, não há razão para que se possa suspeitar da tendência natural do homem para o bem. Onde estaria então a raiz dos males? Na insistência em não submeter a natureza a normas. As normas são uma garantia para que o ser humano possa permanecer no caminho desejado, único capaz de levá-lo com segurança ao alto de suas potencialidades naturais. A aplicabilidade destas normas no processo educacional é recomendada pelo filósofo para os príncipes. Assim, o melhoramento do estado social seria uma agradável consequência.

Para Kant, em alguns casos, a educação dos príncipes tem se mostrado deficitária, sobretudo quando eles são criados sem sofrer qualquer resistência durante a infância. Utilizando-se da *analogia da árvore*, Kant explica que uma árvore que cresce no isolamento, sozinha e afastada, não cresce direito e expande longos galhos desordenadamente para todos os lados. Ao contrário, uma árvore que cresce junto a seus pares no meio da floresta, cresce ereta e sobe em busca de ar e sol. Por isso, o príncipe que é educado por seus pares, carece de algo que, se não for devidamente sanado, poderá vir a ser uma lacuna no futuro. O filósofo defende que o príncipe seja educado por algum súdito devidamente preparado para tal função. Não se deve esperar uma educação sempre de cima para baixo, em alguns casos, faz-se necessário lançar mão de esforços particulares para executar esta tarefa.

A seguir, aparece uma constatação de que os príncipes, quando querem buscar o bem, não o fazem de forma amplamente coletiva, mas buscam apenas os interesses do seu Estado. Quando financiam a educação, tentam interferir diretamente no plano educacional a ser executado, configurando claramente uma interferência política na educação. Quanto à capacidade da direção das escolas, Kant lembra que deveriam ser pessoas de alta competência e ilustração, haja vista que a educação começa privadamente para depois expandir-se, e aqueles que dirigem devem ser dotados da melhor condição possível. A educação não deve servir apenas como forma de aumentar os conhecimentos e habilidades, mas deve cuidar do desenvolvimento integral da humanidade, tornando-a ainda mais moral e, se for possível, entregar à posteridade uma realidade educacional superior em qualidade, àquela que se tem no tempo presente.

2.3. De geração em geração: uma educação para o futuro

Daí, fundamenta-se a compreensão de que nenhuma geração é capaz de legar às que lhe sucederem uma educação acabada. A certa altura, Kant procura sintetizar o processo, reafirmando suas posições. Em primeiro lugar, lembrando que a Educação abrange os cuidados e a formação, sendo, portanto *negativa*, quando cumpre o papel de impedir as dificuldades, o que implica ao homem abandonar sua natureza mais rude. E, ao mesmo tempo, *positiva*, quando se refere à instrução e direcionamento, sendo nesse sentido também pertencente à cultura, pois, direcionar é aplicar na prática aquilo que foi ensinado. Aqui se percebe que o professor e o governante cumprem papéis diferentes, sendo este último um guia, ao passo que ao primeiro cabe o papel de mestre.

Os períodos em que se dá cada fase do processo educacional são, necessariamente diferentes. Na primeira fase, mostra-se obediência e até mesmo certa dosagem de passividade. No segundo, já é necessário demonstrar liberdade e reflexão, sempre submetidas a certas regras. Kant também aponta para o papel que se deveria cumprir nos institutos públicos de educação, onde, segundo ele, seria necessário haver um entrelaçamento com a aprendizagem da educação doméstica. Já a educação privada seria aquela que, sendo de competência dos pais, estes a delegam em algumas circunstâncias para auxiliares, como por exemplo, as amas de leite. Surge o problema de deixar as crianças divididas entre a autoridade dos pais e a dos seus governantes. Por isso, os pais deveriam ceder sua autoridade a estes auxiliares a fim de evitar maiores problemas.

O filósofo afirma que a educação pública precede a educação privada, porque a primeira cumpre um papel mais voltado ao caráter do cidadão, sendo a última mais voltada para questões internas de âmbito familiar. Surge a pergunta quanto ao tempo de duração de uma formação adequada. A resposta do filósofo aponta que seja até o momento em que seja desenvolvido o “instinto sexual”, pois, ao tornar-se pai, o homem já tem por obrigação educar seus próprios filhos. No entanto, é neste momento que virá a necessidade de especializar-se e abrir-se àquilo que a cultura poderá oferecer, e o homem, por já possuir a base necessária, poderá desfrutar, aprofundando-se mais no conhecimento. Já nessa altura, terá ciência da pertinência das leis como forma de dosar na medida certa a sua liberdade. O homem deve usar sua liberdade enfrentando o paradoxo do constrangimento perante as leis para que possa viver em sociedade. Assim, alcançará a maturidade que precisa e satisfação consigo mesmo e com os outros.

Nesse sentido, a lei é necessária e a liberdade deve ser cultivada desde os primeiros momentos, deixando claro que esta, por sua vez, deve respeitar as demais liberdades, isto é, a criança deve ser ensinada a manifestar suas alegrias e tristezas na justa medida para que não seja causa de incômodo aos outros. Além de ser ensinado que, para conseguir aquilo que quer, jamais será necessário impedir os outros de conseguir o que eles querem, é necessário deixar transparecer às crianças que o constrangimento do presente servirá para fazer bom uso da liberdade. Muitos não aprendem isso, sobretudo os filhos dos mais ricos e dos governantes, por isso tornam-se eternas crianças.

Nos primeiros momentos do capítulo dedicado à Educação Física, Kant quer demonstrar em que consiste esta educação, fazendo uso das seguintes palavras: “A educação física consiste propriamente nos cuidados materiais prestados às crianças ou pelos pais, ou pelas amas de leite, ou pelas babás” (KANT, 1999, p. 37). Fica claro que o filósofo aponta na direção de que esta educação estaria intimamente ligada a questões que estariam postas desde os primeiros instantes de vida do ser humano. Nesta perspectiva, cuidar é educar e, este ato de educar, está cuidadosamente referenciado no exemplo da alimentação dos recém-nascidos. A amamentação é tema de destaque nas primeiras páginas deste capítulo e mostra ainda que “tudo depende da saúde de quem amamenta e que o alimento mais condizente à nutriz é o que a faz gozar de melhor saúde” (KANT, 1999, p. 39). Aqui, ele acentua a necessidade de se alimentar os pequenos sem a necessidade de recorrer, por exemplo, ao leite dos animais, pelo fato de que o leite deles, pelo que se verificou até então, se coalha com rapidez, ao contrário

do que ocorre com o leite humano, sobretudo quando as mulheres que estão amamentando alimentam-se com carnes.

Segue-se, posteriormente, as recomendações quanto ao que se poderia dar em alimento aos bebês em substituição ao leite materno, em caso de seca deste último, e o filósofo então realiza uma análise para recomendar o que se poderia, ou não, ser utilizado em alimento para os bebês. Ao lembrar que a temperatura do corpo de um bebê é superior à temperatura do corpo de um adulto, Kant recomenda que se evite ambientes quentes, pois, estes poderiam sufocar os pequenos. O mesmo vale para bebidas quentes, que deveriam ser evitadas em excesso, por todos. Deve-se evitar, ainda, a estimulação artificial da fome nos bebês, haja vista o fato de que isso deve ser uma consequência das atividades e ocupações dos pequenos que lhes venham a consumir energia e gerar fome. Nessa perspectiva, é igualmente necessário que se evite gerar hábitos que no futuro possam vir a tornar-se uma necessidade, daí em diante o filósofo já demonstrava, de certa forma, preocupação com a estimulação de realidades que pudessem gerar os vícios para o futuro. De um modo geral, percebe-se que, a certa altura, Kant deseja deixar claro que “a primeira educação deve ser puramente negativa, isto é, que nada cabe acrescentar às precauções tomadas pela natureza, mas restringir-se a não perturbar a sua ação” (KANT, 1999, p. 41-42).

Em outras palavras, educar exige controle, por vezes enrijecimento, para que se possa, por esse intermédio, levar a criança a conhecer limites e, no futuro, colher os frutos. Tudo isso, no entanto, deve levar em consideração os cuidados, como por exemplo, no caso das culturas que enfaixam os bebês, prática não recomendável pelo pensador, que prefere sugerir uma espécie de caixa adornada de correias na parte superior, para que as mães possam amamentar tranquilamente, sem sufocar o bebê, em caso dela vir a adormecer. Kant lembra que o costume de “ninar os bebês” é comum neste primeiro momento, no entanto, ele faz questão de salientar que esta prática não ajuda em nada, pelo simples fato de que isto é feito para evitar o choro dos bebês, o que não faz bem. Segundo o pensador, o choro é algo salutar para eles, pois lhes faz desenvolver melhor as partes internas. Tentar acalmá-los, os fará ver que, por causa do choro, tudo cederá a eles, e, portanto, sempre recorrerão com mais frequência a esta prática, o que, segundo Kant, é o primeiro mal costume que um bebê pode desenvolver.

Observamos de forma mais aprofundada o pensamento kantiano quanto a esta questão, quando afirma que os bebês do povo são mais mal-acostumados que os das elites, pelo simples fato de que os bebês do povo são exageradamente cuidados, ninados, e o povo brinca

com eles tal qual se faz com os macacos, achando que ao primeiro sinal de choro, se faz necessário acalmá-los, e desse modo jamais deixarão de chorar. Assim, o filósofo acrescenta (KANT, 1999, p. 43) que

Se, pelo contrário, não nos preocupamos com seus choros, eles acabam por não mais chorar. Já que nenhuma criatura procura para si mesma um sofrimento inútil. Se acostumarmos os bebês a verem satisfeitos todos os seus caprichos, depois será tarde para dobrarmos a sua vontade.... Se cedemos, porém, a todos os seus caprichos na primeira infância, corrompemos desse modo o seu coração e os seus costumes.

Verifica-se uma objetividade cristalina nas contribuições kantianas neste tema, pois, o filósofo, que é dono de uma obra densa e extensa, parece fazer questão de ser o mais claro possível nestes pormenores, que, para ele, são essenciais, pelo fato de apontarem para consequências muito sérias para a formação do ser humano no futuro e para que possa corresponder ao projeto que se espera dele. Kant preocupa-se com situações nas quais as crianças tendem a comportar-se como verdadeiros ‘déspotas’, ao perceberem que, com o choro, tudo se inclina ao seu redor. Esse costume mal deve ser evitado, para que depois não se tenha que combater com mais aspereza ou força, o que seria penoso para as crianças, haja vista que, até para um adulto desacostumar-se de deter o poder sobre pessoas ou situações, se torna penoso e difícil.

O choro, nos três primeiros meses de vida, já ocorre com “uma certa reflexão” (KANT, 1999, p. 44), de forma que o bebê vai chorar de forma desmedida apenas por lhe ter ocorrido a menor sensação de dor, desse modo já está, mesmo que confusamente, se utilizando da ideia de “ofensa”. Mesmo assim, é preciso aos pais saber agir diante desta realidade, para que não se permita que os filhos ajam de maneira despótica e desproporcional diante de situações diversas nas quais suas vontades estejam sendo neutralizadas de uma alguma maneira, o que seria, não visão kantiana, uma verdadeira perdição. Em meio a tudo isso, é acentuada a necessidade de se buscar esse objetivo logo na primeira infância, pois no futuro, isto será praticamente impossível.

O pensador ressalta ainda o fato de que, ao acalmarmos uma criança, a calma poderá surgir apenas externamente, mas, em seu interior poderá ter permanecido a raiva e contrariedade. Aqui poder-se-ia estar sendo desenvolvida a dissimulação e as paixões internas. Como exemplo, Kant lembra dos pais que batem nos filhos com a vara e depois lhes exigem que beijem suas mãos. O filósofo lembra que essa prática de beijar as mãos dos pais após terem apanhado, faz as crianças serem induzidas à falsidade e a dissimulação, pois,

ninguém certamente irá beijar e tratar bem aqueles que lhe bateram, tendo sinceridade e bom grado neste ato.

À frente, ele orienta quanto à necessidade de deixar que as crianças aprendam a andar, sem que para isso seja necessário lançar mão de ajudas artificiais que geram dependência, e que só iriam prejudicar este objetivo. Para ele, é preciso deixá-las engatinhar para que aprendam por si mesmas, podendo apenas espalhar-se pelo chão mantas de lã para que sejam evitadas as contusões e quedas mais feias. Contudo, a queda não é de tudo negativa, é necessária, para que a criança aprenda a ter equilíbrio e possa usar seus meios naturais para se proteger adequadamente. De forma geral, as contribuições de Kant mostram-se direcionadas ao fato de que se deve evitar o uso exagerado e de instrumentos e formas artificiais na condução desse aprendizado das crianças. Antes, é preciso deixá-las aprender muita coisa por si mesmas, isto é natural e terá, consequências positivas.

Mesmo nos casos das crianças que nasceram com alguma “imperfeição no corpo”, o pensador baseia-se em estudos de doutos escritores para afirmar que meios artificiais, como coletes, podem antes atrapalhar que ajudar no desenvolvimento de tais crianças. Antes, é preciso deixá-las desenvolver por si mesmas as condições das quais possam se utilizar para sua melhor conformação realização das demandas que a vida lhes impõe. “Tudo que a educação deve fazer é impedir que as crianças cresçam muito delicadas. A fortaleza é o oposto da moleza”, exclama Immanuel Kant (1999, p. 48). As crianças apresentam facilidade em se adaptar às substâncias excitantes, tais como: tabaco, aguardente e bebidas quentes, por isso mesmo, torna-se necessário evitar seu contato com esses elementos. É importante evitar hábitos na infância para que não se tenha que lutar contra vícios no futuro. É preferível uma educação rígida a uma educação cômoda, e para ilustrar isso, o filósofo recorre exemplo do leito onde devem dormir as crianças, que, para ele, é melhor que seja mais duro e áspero, ao invés de ser macio. Essa rigidez à qual Kant se refere é certamente aquela que afasta o homem das comodidades, que podem gerar humanos demasiadamente fracos e, evidentemente não seria este o objetivo que se quer alcançar em sua proposta pedagógica.

Todas essas propostas para a educação física se apresentam, na obra, de forma que se pode perceber que o pensador se preocupa com aquilo que seria a justa medida. Assim, é preciso encontrar o equilíbrio. Ressalta-se a importância de que não se deve tratar as crianças, ao longo deste processo, como se fossem escravos, mas também não se pode permitir que sejam déspotas, como Kant faz questão de lembrar inúmeras vezes. É preciso gerar nas crianças o sentimento de sinceridade máxima, que possam fazer perguntas e ouvir as

respostas, que possam querer estar com os pais de maneira transparente. Não adianta cobrar delas que não envergonhem a si mesmas, ou mesmo aos pais em público, pois, segundo Kant, as mesmas ainda não possuem o senso do que venha a ser a vergonha e, nesse caso, não podem oferecer aquilo que não têm, e, é natural que não tenham. De um modo geral, esta seria a proposta kantiana no que se refere à parte negativa (e também necessária) na educação física das crianças.

A partir desse momento, a criança começa a ser um terreno preparado para a *educação positiva*, capaz de estabelecer nela parâmetros qualitativos de evolução, que serão parte fundamental e, de certa forma, conclusiva desse caminho pedagógico. Após as correções, vem a formação positiva em um processo contínuo e perene de ensino e aprendizagem. Ser humano é ser aprendiz de forma praticamente interminável, haja vista o fato de que é sempre possível aprender mais, saber mais, de forma ousada, criativa e evolutiva, conforme é possível verificar no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

O QUE PERTENCE A EDUCAÇÃO PRÁTICA

3.1. A dimensão cultural do processo educacional

Ao iniciar sua reflexão com relação à parte *positiva* da educação física, Kant, afirma claramente que esta trata-se da *cultura*. Uma cultura, cuja prática “consiste no exercício das forças da índole” (KANT, 1999, p. 53), e dessa forma, seja possível aos pais estabelecer para seus filhos ocasiões que lhes sejam mais favoráveis. Nesse sentido, o filósofo insiste na importância de se abdicar do uso de instrumentos, tais como faixas e o carrinho, para que a criança possa engatinhar livremente até que possa aprender a caminhar por si mesma, e assim, nada a impeça de fazer uso de sua habilidade natural. Em seguida, Kant apresenta exemplos de realidades nas quais o ser humano faz uso de instrumentos artificiais, que na visão do filósofo, poderiam ser substituídos por atitudes naturais, sem prejuízo dos efeitos a ser alcançados, tudo isso, em nome de um fortalecimento do ser humano, que evidentemente, deve ser trabalhado desde a mais tenra idade. Nas linhas que se seguem, destacamos um exemplo daquilo que diz o pensador a respeito:

Assim, servimo-nos de uma corda para medir certa distância, mas pode-se fazê-lo simplesmente com o olhar; valemo-nos de um relógio para determinar a hora, mas bastaria olhar a posição do sol; servimo-nos de uma bússola para nos orientar numa floresta, mas podemos saber-lo também observando o sol, se é de dia, ou as estrelas, se é de noite. Acrescentemos que, em vez de nos servirmos de um barco para atravessar a água, podemos nadar (KANT, 1999, p. 53)

Nessa perspectiva, percebe-se um filósofo preocupado em apontar para uma educação na qual se possa lançar as bases, para permitir que aquele a quem estamos educando possa evoluir nesse processo constante e necessário. Assim, a quem educa cabe a tarefa de apontar caminhos, a quem está sendo educado cabe exercitar seus próprios instrumentos naturais para fazê-lo. Por vezes, aquele que educa sente-se tentado a querer facilitar o caminho dos seus educandos, dando-lhes instrumentos artificiais que provavelmente encurtariam caminhos e queimariam etapas, e aí está o perigo de se perder a grande oportunidade de realizar uma educação que, embora difícil, seja a mola propulsora para que as crianças de uma geração, possam ser os adultos ideais na geração futura.

De acordo com Kant, dois importantes elementos devem ser trabalhados concomitantemente na educação física: o uso do movimento voluntário e o uso dos órgãos dos

sentidos. O primeiro deve propiciar que a criança se exercite por si mesma e, assim seja capaz de fazê-lo com *força, habilidade, rapidez e segurança*. A exemplo de outros povos, nos quais essa prática foi exitosa, o pensador propõe que se experimente da mesma fórmula para a realidade à qual destina a sua contribuição. Nos parece importante evidenciar que, para Kant, tais proezas só poderiam ser bem realizadas, caso fossem trabalhadas realmente com as crianças, isto porque, conforme vai passando o tempo, o ser humano vai ampliando a noção do perigo, o que inviabilizaria esses treinamentos de forma adequada e livre. No caso das crianças, tudo parece menos perigoso, até suas quedas seriam menos graves e sua disposição em subir em algo sem qualquer finalidade aparente serve de exemplo para indicar essa perspectiva kantiana, na qual todos os exercícios físicos aparecem como necessários e muito bem-vindos. A dança, no entanto, não aparece entre as indicações para as crianças, se levarmos em conta o fato dela requerer dotes artísticos, o que em Kant parece “não convir por enquanto às crianças” (KANT, 1999, p. 55).

O ato de lançar objetos em um determinado alvo e o ato de jogar bola, são outros exercícios indicados no texto kantiano como ótimos para promover o desenvolvimento da habilidade e o exercício dos sentidos de forma a aperfeiçoá-los. O mesmo se diga da imaginação e memória locais, quando se pode desenvolver a capacidade da criança de situar-se no mundo e em si mesma. Da mesma forma, o pensador exalta a necessidade de se cultivar o ouvido das crianças, o que as fará distinguir se algo está próximo ou distante delas. Após ressaltar que as brincadeiras de criança são realidades praticamente universais, ele mostra como tais brincadeiras podem fazer as crianças simularem suas possíveis reações em caso de perda de algum dos sentidos. Ao brincar dessa forma, desenvolve-se capacidades e habilidades que serão muito úteis em caso de uma extrema necessidade futura.

Já os instrumentos barulhentos, como tambores e pequenas trombetas são desaconselhados, pelo simples fato de serem apenas usados para atormentar os outros. “Melhor seria que aprendessem a cortar um bambu, de modo que pudessem brincar assoprando” (KANT, 1999, p. 57). É de suma importância salientar que, em Kant, essas brincadeiras e exercícios consequentes, são importantes pelo fato de ter objetivo e finalidade, pois, ao realizar tais atividades, as crianças enrijecem seus corpos e sua mente, para que possam se prevenir contra quaisquer esgotamentos, fadigas e realidades próprias daqueles que não foram adequadamente preparados na infância. Para usar as palavras em seu próprio contexto, ressaltamos as seguintes palavras de Immanuel Kant (1999, p. 59): “Cabe zelar para que na cultura do corpo também se eduque para a sociedade”.

A seguir, Kant irá refletir sobre aquilo que chamou de “cultura da alma” (KANT, 1999, p. 59), que deve estar enquadrada na mesma realidade da educação física como um todo. A primeira distinção necessária, é entre liberdade e natureza. Uma coisa é dar leis à liberdade e outra coisa é cultivar a nossa própria natureza, de acordo com o pensador. As duas, porém, caminham juntas para constituir a educação física. Porém, essa formação física da alma não é uma formação moral, pois esta formação moral teria relação com a liberdade, já a formação física da alma, diz respeito à natureza, cabendo aí, portanto, uma distinção. Diz o pensador que: “É preciso distinguir a formação *física* da formação *prática*, sendo esta *pragmática* ou *moral*. Nesta última, temos a *moralização* e não a *cultura*” (KANT, 1999, p. 59). As distinções são objetivas no contexto da obra e no conjunto das contribuições kantianas neste tema sobre o qual estamos a refletir.

Nesse contexto, o pensador faz ainda outras classificações importantes, a exemplo da cultura física, à qual ele divide em *livre* e *escolástica*. Sendo a primeira mais divertida e a última uma realidade mais séria. Na cultura física livre, estão as realidades mais naturais da criança, aquilo que ela já traz consigo e lhe é fonte de divertimento. Já na cultura física escolástica, encontramos aquilo que deve ser encarado mesmo como um trabalho e uma obrigação para a criança. Percebe-se nas presentes orientações pedagógicas kantianas, que há uma importante valorização do equilíbrio entre essas duas realidades, de tal forma que ele critica aqueles que acham que as crianças não deveriam dedicar tempo às brincadeiras como se estas fossem perda de tempo. Porém, ele é claro ao observar que este processo precisa se dar na medida certa, para evitar excessos que acarretariam consequências ruins.

É preciso, no entanto, reservar momentos diferentes e oportunos para cada uma das duas formas de cultura, para que se tenha êxito nesse árduo processo, e para que tenhamos homens equilibrados, dados ao trabalho, avessos à preguiça e prontos para a vida em sociedade. É claro que essa preparação para a vida em sociedade, é igualmente uma preparação para o trabalho, que deve ser posto em prática desde cedo, para que, desse modo, o homem esteja pronto a responder a altura daquilo que dele se espera. O homem é um ser para o trabalho, e o pensamento do filósofo é claro ao entender que a vida seria um tormento na ausência de tarefas que pudessem ser feitas, e projetos que pudessem ser realizados de forma ativa e profícua, e que “seu melhor repouso seja o que sucede ao trabalho” (KANT, 1999, p. 62).

É imperativo que as crianças sejam acostumadas ao trabalho. E este projeto deve acontecer de forma adequada justamente na escola, lugar de privilegiado espaço para o pleno

desenvolvimento deste objetivo. É preciso evitar o prejuízo de levar a criança a achar que tudo é divertimento. É nessa linha que o pensador deixa claro, o fato de que “a educação deve ser impositiva; mas nem por isso, escravizante” (KANT, 1999, p. 62). Como afirmamos anteriormente, é preciso encontrar o saudável equilíbrio, para que se possa colher os bons frutos desejados e o êxito para o qual todo esse processo se encaminha. É preciso colocar em prática um projeto educacional capaz de desenvolver todas as potencialidades do ser humano desde cedo. Sejam elas superiores ou inferiores, estas últimas sempre a serviço das primeiras. A regra de ouro é que não se desenvolva uma potência ou habilidade de maneira isolada, mas que se faça uma em função da outra, de tal maneira que os meios devem ser postos em prática em virtude das finalidades que se almeja alcançar. Como no exemplo dado por Kant (1999, p. 63), quando a *imaginação* é praticada tendo em vista o desenvolvimento da *inteligência*.

Ao mesmo tempo em que recomenda que se faça um esforço para cultivar a memória, abrindo mão, para isto, da leitura de romances por parte das crianças, que segundo ele, não têm grande relevância para a formação delas, o pensador aponta para o dano causado pelas distrações na escola e suas consequências nefastas para a formação da criança e seu pleno desenvolvimento cognitivo, de forma que esses problemas podem ser observados na leitura evasiva, na falta de concentração e na relação problemática com o seu mestre em sala de aula.

As distrações não devem jamais ser toleradas, muito menos na escola, porque acabam por degenerar numa certa tendência, num certo hábito. Mesmo os mais belos talentos se perdem numa pessoa sujeita às distrações.... Então, escutam as coisas pela metade, respondem atravessado, não sabem o que leem, etc.” (KANT, 1999, p. 65)

É nesse mesmo caminho que surgem as indicações mais objetivas de Kant em relação às técnicas para exercitar e cultivar a memória, acrescentando, ainda, que a inteligência deve ser cultivada do mesmo modo. O filósofo procura ser metucioso, ao indicar alguns passos para este cultivo, de tal modo que o primeiro passo consiste em cultivar a memória retendo os nomes que aparecem nas narrações, logo após, indica que é preciso fazer uso da leitura e da escrita, porém, deve-se fazê-lo de cabeça e sem soletrar e, por fim, ele indica que esse cultivo também ocorre pelo estudo das línguas que tenham sido apresentadas às crianças de ouvido.

Seguindo os passos acima, assegura o filósofo, é possível inserir as crianças no estudo das primeiras matérias escolares, dando-se destaque à Botânica, Mineralogia e História Natural, seguidas da Geografia física e posteriormente a Geografia política. E assim, da análise do estado atual da terra, chega-se a buscar o conhecimento dela em sua forma mais primitiva, abrindo espaço assim para a História e Geografia antigas. Esse processo, sem

dúvidas, irá instituir na criança o saber e capacidade, qualidades que são reunidas em uma importante ciência: a Matemática. O pensador ressalta que é preciso, ainda, gerar na criança a relação necessária entre ciência e palavra, para que se possa expressar a teoria de forma eloquente, elegante e fácil, de maneira que seja notória a diferença entre ciência e outras opiniões ou crenças simples. Como consequência, teremos crianças de gosto refinado e justo por meio dos sentidos (sobretudo o da vista), e caminhando para o gosto das ideias.

3.2. O entendimento aplicado por meio de regras

No que se refere ao *entendimento*, o pensador deixa claro que não é possível prescindir das regras. Estas regras devem ser observadas e aprendidas na medida em que vão sendo usadas, para que não se caia no erro de querer aprendê-las antes de efetivamente usá-las, o que seria um problema, em razão do fato de que, enquanto não se chega à regra, seu uso permanecerá incerto. Por essa razão, é salutar que se estude a gramática antes mesmo das línguas em si mesmas. Após estas indicações, Kant apresenta uma “ideia sistemática do fim global da educação e do modo como consegui-lo” (KANT, 1999, p. 57), começando pela *Cultura geral da índole*, que se refere à habilidade e ao aperfeiçoamento; não no sentido de informar, mas de fortificar o aluno em sua índole, por sua vez essa cultura pode ter duas formas: a *física* e a *moral*. A primeira delas é o momento no qual tudo está relacionado à prática e à disciplina, sem que para isso a criança precise conhecer qualquer máxima. É uma postura passiva do aluno. Outros pensam por ele. Já a segunda, está fundamentada em máximas e não em disciplina. Essas máximas, porém, devem ser do próprio aluno e não um mero hábito. Ele não deve aprender a fazer o bem simplesmente, mas deve fazê-lo porque é o bem em si mesmo.

Há, portanto, uma diferença entre ambas que ressaltamos: a *física* é uma realidade passiva em relação ao aluno, a *moral*, ao contrário, é ativa e leva o aluno ao entendimento daquilo que é feito a partir do conceito de dever. Há, ainda a chamada *Cultura particular da índole*: nesta realidade há espaço para a inteligência, os sentidos, a imaginação, a memória, a atenção e a espiritualidade, que dizem respeito às *potências inferiores* do entendimento. Aqui, o pensador, utiliza-se do exemplo dos mapas que podem ser benéficos para a aplicação de todas essas realidades, fortalecendo-as mutuamente, e despertando o interesse e atenção pelas matérias, já que a distração é uma realidade altamente negativa. Nesse sentido, é importante propiciar uma educação que faça uso de imagens e objetos.

É nessa argumentação que o autor vai destacar que toda compreensão se dá mais adequadamente na medida em que o aluno vai fazendo “por si mesmo” determinadas coisas, gerando assim a solidez necessária para amadurecer o conhecimento. Grava-se mais adequadamente e de forma estável aquilo que se aprende graças ao esforço próprio, de maneira que os *autodidatas* são valorizados no texto do filósofo, que, a certa altura, ressalta o método socrático de ser “parteiro das ideias dos seus ouvintes”, conforme relatado por Platão. Nesse sentido, Kant explica que no caso das crianças, não é necessário que tenham domínio da razão, nem que tenham conhecimento dos fundamentos dos vários temas essenciais, basta que tenham os fundamentos daquilo que se constitui como um dever. Este sim, deve ser acentuado na formação das crianças, de forma que elas aprendem a perseguir por si mesmas estes conhecimentos, não de forma mecânica, mas de maneira livre e decidida, tal que se observa no método de Sócrates, quando seus discípulos buscavam por si mesmos aquele conhecimento que, de certa forma, já se encontrava em seu interior, e que o filósofo apenas lhes ajudava a fazer surgir.

Nesse caminho de orientação, o pensador aponta que não é possível ao homem gostar das facilidades da vida, sem, com isso, gerar consequências danosas para si mesmo. Por essa razão é salutar fazer as crianças, desde cedo, afeiçãoarem-se ao trabalho. É perceptível o fato delas gostarem de brincadeiras que fazem gastar energia, produzir cansaço e assim por diante. Aproveitar essa tendência é de fundamental importância. Ao contrário dos prazeres, que devem ser mediados, e até mesmo controlados pelos pais, em vista de não tornar as crianças ávidas e descontroladas em busca deles. Entre essas recomendações, encontra-se a de que os pais evitem interpelar os filhos para que “tenham vergonha” em toda e qualquer situação em que tenham cometido algum flagrante erro publicamente, sob pena de gerar nos filhos uma timidez por toda a vida. Nesse caso, o conselho kantiano vai na direção de se usar o termo “vergonha” apenas em casos extremos, como a mentira dos filhos. A mentira é motivo de vergonha, por ser uma séria falta contra os princípios mais básicos que se espera encontrar no ser humano, devendo, portanto, ser combatida ferozmente. Mas, em outros casos mais simples, os pais podem chamar a atenção de seus filhos de forma mais serena, sem perder a firmeza.

O que é necessário fazer é direcionar a vontade dos filhos, jamais dobrar a mesma. Há uma diferença importante: a vontade é algo natural ao ser humano, não sendo benéfico que ela seja suprimida, mas é benéfico para ela ser direcionada para o destino traçado e pelos meios corretos. Engana-se o pai que quiser negar algo ao filho depois que este já esteja adulto. Esse

procedimento deve ser realidade desde cedo, para que depois não seja necessário entrar em conflitos com filhos que não estão acostumados a ouvir um “não”. Na medida em que as recusas aos desejos infundados dos filhos forem feitas de forma definitiva, não será necessário repeti-las constantemente, pois os pequenos aprenderão que os pais não voltarão atrás tão facilmente e em toda e qualquer situação apenas por força de gritos ou choros desmedidos. Assim, vemos o filósofo explicar que a formação moral deve estar baseada em máximas, não em disciplina, embora a disciplina contribua para eliminar os defeitos, ao passo que as máximas fomentam a maneira de pensar e decidir.

A criança deve aprender a viver segundo máximas, pois assim terá um comportamento permanentemente exequível e sensato, baseando nas máximas ele terá referências sólidas para agir corretamente no futuro. Quando a criança mentir não será necessário castigá-las fisicamente, mas deixar claro para ela que este procedimento é reprovável e que no futuro não será mais digna de crédito, isto para que ela perceba que deve rejeitar o mal simplesmente por ser mal, não por medo do castigo advindo da falta cometida. Do mesmo modo, não deve buscar o bem em razão da possibilidade de receber uma recompensa, mas deve fazê-lo pelo simples fato de ser o certo e o justo. Nesse sentido, a moralidade não deve jamais estar fundamentada em castigos e punições, mas sim na própria consciência moral do ser humano, não devendo ser sequer comparada à disciplina, por ser superior a esta. A cultura moral deverá contribuir para a formação do caráter, desde a escola deverá ocorrer esse processo, para posteriormente tornar-se exequível no seio da humanidade.

Para que seja formada a criança nesse processo, é preciso delimitar para ela o plano ou o conjunto de leis que servirão de norte para que ela possa desenvolver seu modo de proceder, como exemplo, os horários corretos para cada tarefa não devem ser flexibilizados, tampouco abreviados. Com isso, não se quer transformar as crianças em adultos, mas se quer conservar seu caráter de criança, que está em processo de formação. Não se pode confiar em alguém que não tenha estabelecido para si mesmo certos ritmos de organização e regras básicas para seu proceder, no entanto, muitas pessoas que assim o fazem acabam por sofrer repreensões e represálias injustas, pois, na proposta kantiana é perfeitamente possível ser regrado, sem, com isso ser meticuloso.

A partir daí o pensador ressalta a importância da “obediência” na vida da criança, seja na condição de filho, ou de aluno, indicando precisamente dois aspectos para o ato de obedecer. O primeiro aspecto é a obediência à *vontade absoluta* de um governante, cuja figura

representa o Estado e as leis dele advindas, cuja realidade a criança deve desde cedo respeitar e obedecer de forma clara, ainda que essas leis estejam em desacordo com a sua vontade, pois esta obediência procede da autoridade. O segundo aspecto é a obediência que decorre da *confiança*, é voluntária, e é considerada pelo pensador como “importantíssima”. Na instituição escolar, torna-se ainda mais latente a aplicação de regras gerais que valham para todos os alunos da mesma maneira.

Nesse sentido é importante que os mestres jamais demonstrem predileção por um determinado aluno em detrimento dos outros, para que não haja na turma o surgimento de rebeldia decorrente da percepção desta atitude por parte daquele que é responsável por manter os alunos coesos, e em busca de um objetivo comum. A obediência será perfeita com o passar dos anos na medida em que a criança for levada a realizar aquilo que lhe compete não somente por inclinação, mas por dever. A inclinação não dará conta de fazê-la realizar várias coisas no mundo adulto, mas o dever sim, este a fará cumprir muitas das competências laborais, pagamentos de impostos, etc.; Segundo Kant, as desobediências das crianças, mesmo que em medidas mínimas, podem ser tratadas com algumas punições, que podem ser *físicas* ou *morais*.

Na *punição moral*, temos a indicação de que no caso de a criança ser flagrada mentindo, deve ser olhada com desprezo. Essa seria mesmo até a punição mais adequada, segundo o pensador. Depois, tem-se a *punição física*, que pode ser a recusa de algo que a criança queira, essa é semelhante à punição moral. Porém, há também os castigos físicos, que devem ser usados com cautela e precaução, para não gerar nas crianças uma “disposição servil”, que seria inadequada para elas. No entanto, apesar de admitir tais punições, Kant assinala que elas servem apenas como complemento à possível insuficiência das penas morais, estas sim, devem ser incentivadas em todas as circunstâncias de forma ordinária, de modo que seja compreensível para a criança que as punições têm como finalidade o seu próprio aprimoramento. Na obra, fica claro que há diferenças no trato com crianças e adolescentes, como exemplo, tem-se o conceito de vergonha, que como já afirmamos, não tem sentido para as crianças, mas para os adolescentes já faz sentido, pois nestes últimos a raiz da honra já pode ser observada.

Um outro importante aspecto da formação do caráter da criança é questão da *veracidade*. Esse elemento é básico e essencial para o caráter. A mentira, ao contrário, é reveladora da falta de caráter, e deve ser combatida pelos pais e mestres. Em todo caso, as

punições podem ser divididas em *positivas* e *negativas*. As primeiras devem ser usadas em casos como a mentira e indocilidade, etc., o segundo caso aplica-se como resposta à malvadeza. O terceiro aspecto relevante para a formação do caráter é a *sociabilidade*. Nesse ponto, o filósofo procura ser objetivo no tocante a maneira de explicitar a importância da convivência, da amizade e da superação do isolamento. Isolar-se, é atitude que pode levar a criança a ficar abatida, e seguramente não é esse o objetivo. Antes, é preciso fazê-la conviver, estabelecer laços com os outros, de forma que na beleza da alteridade seja possível encontrar-se e ser feliz. Mesmo no serviço religioso, é preciso levar em consideração estas realidades, pois, “toda religião que torne o homem taciturno é falsa, porque este deve servir a Deus com prazer, e não constrangimento” (KANT, 1999, p. 82). Desse modo, não é benéfico levar o ser humano a uma introspecção sem sentido, visto que ele tem necessidade de estabelecer comunicação com seus semelhantes de forma viva, aberta e clara. Assim, na família ou na escola é preciso manter a ordem, sem com isso, necessariamente conter a alegria das crianças, pois esta é sua característica essencial e irrenunciável.

Ao final de suas contribuições no capítulo referente à educação física, o pensador procura lembrar a pais e mestres a importância de tratar as crianças como crianças, isto é, só se deve colocar fardos que estejam de acordo com as forças que elas dispõem para levá-los. Uma criança deve manter as características próprias de sua idade e realidade. Uma criança com comportamento ou linguagem de adulto está deslocada de si mesma, e não chegará a lugar algum. Assim, o que dela se espera é que seja dócil e aberta a descobrir passo a passo seus objetivos previamente traçados, sem queimar etapas que não poderão ser substituídas posteriormente, pois não se espera que seja uma imitadora de comportamentos de adultos, mas que siga os exemplos bons de forma decidida e dando os próprios passos, conscientes e firmes rumo a tornar-se adulto “ilustrado e de mente serena” (KANT, 1999, p. 83).

Portanto, relembremos as indicações kantianas presentes no segundo capítulo da obra que ora analisamos. Ele pretende mostrar que a educação deve apontar para o combate aos privilégios. Cada um aprenderá que somente poderá subir acima dos demais na medida em que o fizer por seus próprios méritos e esforços. E divide-se ainda em “educação física” e “educação prática”. A primeira refere-se aos cuidados do corpo, e em tudo aquilo que nos aproxima dos animais em termos instintivos. Já a segunda aponta para uma educação alinhada com a moral, com o bom uso da liberdade, é aquela faz o homem compreender o processo que faz dele mesmo um ser cultural e plenamente livre. Kant então estabelece que a educação consista em: cultura *escolástica* ou mecânica no que se refere à habilidade, sendo então

didática; e a formação *pragmática*, que se refere a prudência e, por fim, a cultura *moral* que tem por finalidade a moralidade. Cada uma delas encaminha o cidadão à sua completude, enquanto humano, em processo de humanização e aberto a todas as suas próprias potencialidades individuais, civis e morais. Cada uma, a seu tempo e a seu modo, contribuem para o crescimento do ser humano.

É importante ressaltar que esse último passo kantiano é um coroamento daquilo que por ele foi proposto em tudo que analisamos até aqui. Ao leitor, reiteremos o convite de continuar conosco este caminho de descoberta e compreensão da proposta pedagógica de Kant, nascida de uma mente comprometida com a uma realidade de superação humana, à luz da razão, da história, e do ideal de moralidade, sempre regadas pelo equilíbrio e o bom senso filosófico. É importante lembrar que a educação kantiana é aquela que aponta para o futuro, não de maneira aleatória, mas de forma objetiva, decidida e esclarecida, com todas as implicações que isso venha a ter para o homem.

3.2.1. Uma Educação aliada da Moralidade

Num dado momento, Kant resume algumas indicações indispensáveis, quanto àquilo que o homem deve vivenciar no processo educacional, começando por reafirmar que a disciplina consiste no domínio de tudo aquilo que possa ser causa de permanência do homem em seu estado de animalidade e selvageria. Depois ele demonstra a necessidade que tem o homem de tornar-se culto, tendo em vista que a cultura possibilitará a ele a posse de uma qualidade que prepara o fim que se almeja. Nesse contexto se dá como exemplo a habilidade de ler e escrever, úteis ao ser humano em todas as situações. A seguir, percebe-se em sua argumentação a necessidade de se buscar a prudência, pois esta fará o homem colocar-se em seu devido lugar no mundo social no qual está inserido, além de fazê-lo ser querido pelos outros, gerando assim uma espécie de *civilidade*, que pode passar por variações de uma época a outra.

Por fim, nos é apresentada a urgência de se buscar a moralidade, haja vista a multiplicidade de finalidades disponíveis. Essa qualidade fará o homem optar por fazer as melhores escolhas dentre essas mesmas finalidades, sempre tendo por critério aquelas finalidades que são louvadas e aceitas por todos e que o homem poderá assumi-las como sendo as suas próprias. Em continuidade a essas indicações, Kant relembra que a educação

não deve ser confundida com um treinamento, tal qual se faz aos animais. Ela vai muito além disso, pois consiste ainda na necessidade de *pensar e* fazer pensar. As escolhas corretas e as ações humanas derivam de princípios anteriores, que precisam vir à luz e ser conhecidos.

Deste modo, Kant mostra que uma geração educa a outra sempre na perspectiva do futuro, e no intuito de desenvolver no presente as disposições naturais existentes em cada ser humano que, ainda sem a marca da moral (no primeiro momento), caminha em direção ao bem que se constrói sem perder de vista o objetivo. Esta é, sem dúvidas, uma tarefa inclusive dos mestres, e não deve, portanto, ser relegada apenas para os pregadores, já que a moralidade não deriva apenas das máximas religiosas, mas deve ser fruto de uma consciência moral bem formada no homem. Não se deve permitir que as crianças pensem que não devem agir mal apenas por coação, mas levá-las à compreensão de que Deus, sendo bom, não quer que se renuncie a algo mau apenas porque Ele mesmo o proíbe, mas porque aquele ato é mal em si mesmo, e nesse caso, que o homem seja capaz de assim compreender e, por consequência, proceder.

Kant reconhece que vivia em uma época que, apesar de se ter disciplina, cultura e civilidade, não seria ainda possível afirmar que se tivesse atingido um grau da moralidade que pudesse se considerar satisfatório. Nessa linha de pensamento é possível identificar que, em Kant, a felicidade coletiva está associada à própria moralidade, por essa razão, ressalta que *educação e instrução* devem estar fundamentadas em *princípios*, não devendo por isso mesmo ser voltadas apenas para um caráter mecanicista, embora não se deva deixar o mecanicismo totalmente esquecido, pois o mesmo é resultado de experiência, e esta deve ser levada em conta.

Por conseguinte, percebe-se que nos primórdios de sua contribuição no que se refere à educação prática, o filósofo procura delimitar os elementos que a ela pertencem: 1. Habilidade, 2. Prudência, 3. Moralidade; Sobre a primeira, ele assinala que deve estar alinhada com a capacidade do homem de traduzir o conhecimento em ações, a teoria em prática. Desse modo, com a habilidade, estaremos diante de uma aliada do talento, pois este precisa daquela para que possa plenamente se desenvolver. A prudência, por sua vez refere-se à capacidade de moderação frente às contrariedades da vida, de modo que se possa apresentar energia e fortaleza diante disso. Isso não quer dizer que se deva agir de forma dissimulada, mas, consiste no encontro do equilíbrio necessário para apresentar-se diante das pessoas, situações e realidades as mais diversas possíveis. A terceira, a moralidade, diz respeito de forma direta ao caráter do homem, de modo que este deve, por sua vez, aprender a resistência

por meio das privações. O homem que suporta as privações saberá permanecer firme diante das adversidades da vida. Desse modo, “para se aprender a se privar de alguma coisa é necessário coragem e uma certa inclinação. É preciso acostumar-se às recusas, à resistência, etc.” (KANT, 1999, p. 86).

Chegamos, de fato, em um ponto de culminância da abordagem filosófico/educacional kantiana, de modo que o filósofo deixa claro que toda essa preparação do ser humano deve necessariamente ser direcionada a uma “consolidação do caráter”, tendo em vista o bem comum, isto é, a aplicabilidade firme e decidida daquilo que se aprendeu, do contrário nada teria sentido. Aqui, de acordo com nossa análise, é possível notar que o pensador procura mostrar-se enfático quanto à necessidade da manutenção dos compromissos assumidos diante de outrem, custe o que custar, é preciso ser fiel à palavra dada, sob pena da perda total da confiança, o que seria desastroso para qualquer ser humano. Nos passos seguintes, o pensador relembra, tal como fez em páginas anteriores, a importância de se ensinar às crianças em forma de exemplos, para que se tenha firmeza quanto aos efeitos esperados. Os deveres das crianças devem ser orientados com base na natureza e em regras claras para servir de referência para elas.

Em primeiro lugar, os “deveres para consigo mesmas”. Esses deveres consistem em se buscar fortalecer, conservar e favorecer uma certa dignidade interior, que faz crescer no homem uma nobreza que é de extrema importância para si mesmo, e sendo ele capaz disso, poderá considerar supérfluo qualquer adorno externo desnecessário, como roupas caras e alimentação especial, tampouco a satisfação de inclinações más, pois, encontrou aquilo que é o essencial: sua dignidade humana. É justamente essa dignidade que deve ser preservada da melhor maneira possível, evitando-se, assim, os vícios todos, a embriaguez, pois, essas coisas fazem o homem degenerar-se, e rebaixar-se a um nível inferior ao dos animais. No caso das crianças, o pensador reafirma o poder destrutivo da mentira, que, embora seja a criança passível de descontos por sua idade e imaturidade, lembra ele, que desde que ela já saiba comunicar-se e compreender o sentido daquilo que fala, ao mentir, estará incorrendo no mesmo princípio degenerado da decadência moral. A mentira é motivo para desprezo geral por parte das pessoas para com aquele que dela faz uso.

Em segundo lugar, temos diante de nós a proposta kantiana no que se refere aos “deveres para com os demais”. Esse aspecto mostra-se como um desdobramento do primeiro, haja vista o fato de que o cuidado que antes era para consigo mesmo, agora passa a ser desdobrado também sobre o outro, surgindo assim a noção de conceito de alteridade, no

tocante aos “direitos humanos”, conforme assinala o pensador alemão. Aos pais cabe mostrar a seus filhos em fase de aprendizagem que as demais crianças, embora de classe social inferior, devem ser tratadas com a mesma atitude de respeito e delicadeza que todas as demais pessoas. Em caso o contrário seja feito, é preciso fazê-la sentir os efeitos parecidos com aqueles pelos quais fez seu semelhante passar com suas possíveis humilhações contra eles. Isso é necessário em razão das crianças não possuírem ainda o senso de generosidade, já que nada está sob o seu poder ainda para que possam administrar.

A ideia da dignidade humana, acima analisada, é uma chave importante de leitura para que possamos compreender a proposta do autor, no sentido de que, de posse dela, a criança que mais tarde tornar-se-á adulto poderá ponderar suas escolhas referentes aos mais diversos aspectos, inclusive a sexualidade, conforme percebemos na abordagem do pensador, quando ele lamenta a falta de um trabalho de formação escolar, no qual se tivesse um tipo de catecismo do direito, para o qual se pudesse recorrer e estudar com o intuito de observar situações reais do dia a dia e que se pudesse questionar e refletir se uma situação concreta seria justa ou não. Essa formação dos direitos humanos seria de grande valia para a concretização prática de um projeto moral de educação para o homem, no qual se pudesse evidenciar as prioridades morais para a vida em sociedade, de tal forma que soubéssemos a diferença entre uma ação meritória e um dever, a fim de ter claro o senso moral como algo de fundamental importância para o nosso processo educacional.

Todo esse processo levará a criança de hoje (adulto de amanhã) a perceber que seus atos beneficentes para com os mais pobres, não lhe garantem méritos em si mesmos, haja vista o fato disso não passar de uma obrigação, embora imperfeita. Nesse sentido surge a crítica kantiana aos religiosos, quando pregam aos seus fiéis que seus atos beneficentes podem gerar méritos para eles mesmos. O pensador procura ser direto ao afirmar que tais realizações devem fazer parte do conjunto dos deveres para cada um que vier a fazê-lo. Além disso, Kant chama a atenção para o fato de que a estimulação das virtudes de cada criança não deve ser feita por meio de comparações para com os demais, isso poderia gerar a inveja como consequência, e ainda a apologia a competições indiretas desnecessárias, pois, “quando o homem se estima pelo valor dos outros, procura ou elevar-se acima deles ou diminuir o valor dos outros. O segundo caso é próprio da inveja” (KANT, 1999, p. 93).

As recomendações seguem ressaltando que jamais uma criança deverá ser causa de humilhação para outra. É preciso se cultivar a franqueza na criança, mas, de forma que ela seja sincera e não arrogante, pois, caso isso ocorresse, teríamos o feito contrário àquilo que se

espera nesse processo. A seguir, o pensador faz referências a vários apetites e vícios próprios da condução humana (KANT, 1999, p. 94-95), e por fim, faz a seguinte análise:

Pergunta: o homem é moralmente bom ou mau por natureza? Não é bom nem mau por natureza, porque não é um ser moral por natureza. Torna-se moral apenas quando eleva a sua razão até aos conceitos do dever e da lei. Pode-se, entretanto, dizer que o homem traz em si tendências originárias para todos os vícios, pois tem inclinações e instintos que o impulsionam para um lado, enquanto sua razão o impulsiona para o contrário.

Percebemos, sobretudo a partir desse momento um filósofo que tem clareza naquilo que afirma, sobretudo, no que se refere à realidade do ser humano e até onde este pode ir em busca do seu objetivo. O homem deve sair de uma realidade na qual está dominado pelos vícios, que são resultado de um estado de civilização que “violenta a natureza”, uma realidade decadente que precisa ser corrigida de forma eficaz. É claro que isso deve ocorrer de forma que as más virtudes devam, pouco a pouco, dar lugar às boas, de forma serena, aberta e tranquila, conforme é assinado ao longo da obra.

3.3. Indicações quanto à educação religiosa das crianças

Depois, temos indicações precisas em relação à educação religiosa das crianças, para a qual o pensador coloca a questão referente à eficácia do ensino dos conceitos religiosos às crianças desde cedo. Partindo do pressuposto de que ensinar conceitos religiosos supõe certa recorrência à Teologia, o filósofo idealiza uma situação na qual as crianças somente tivessem contato com tal ensinamento sobre o “Ente Supremo”, após terem tido contato com ensinamentos mais elementares, de ordem natural e concreta. Porém, ele mesmo reconhece que não é esta a realidade na qual se encontra naquele momento, ou seja, o ensino religioso já nos primeiros anos das crianças já era oferecido largamente, na forma de catecismo, e nessa realidade era preciso dar indicações mais precisas e plausíveis. Assim, ele recomenda que se fizesse uma abordagem que incluísse a presença de Deus como parte de um mesmo conjunto a ser compreendido pelos pequenos. Em outras palavras: parte-se da natureza e de todo o ordenamento natural dela decorrente, para que a partir daí se pudesse partir para uma realidade do Ser sobrenatural que zela e sustenta aquilo que é natural, ou ainda, como referência comparativa de Deus em relação a uma figura paterna, sob cuja guarda e cuidados paternos estaríamos todos nós, membros da grande família humana e natural.

Surge então uma importante referência kantiana à religião. O pensador demonstra a necessidade de que toda atividade religiosa tenha necessariamente de estar aliada à moral, em caso contrário, estaremos diante de um movimento que servirá apenas para pedir favores divinos. A religião tem autoridade sobre as pessoas na medida em que se dispõe a contribuir com esse ideal: ser uma moral aplicada ao conhecimento de Deus. Nesse sentido, toda ação religiosa deverá voltar-se para este procedimento teleológico: nos tornar melhores. Só assim se poderá agradar ao Ser Supremo verdadeiramente. Assim, a religião assume a tarefa da moralidade na perspectiva kantiana, e conjuntamente a isso, deve contribuir também para uma pedagogia moral, fazendo uso desta autoridade sobre aqueles que seguem seus preceitos. Nesse caminho, a consequência é que a religião não esteja restrita à teologia, mas, ao contrário, esta última esteja a serviço da primeira.

O filósofo ressalta ainda o valor da consciência moral para o ser humano e para a prática religiosa, chegando mesmo a afirmar categoricamente que “se a religião não vem acompanhada pela consciência moral, permanece ineficaz” (KANT, 1999, p. 100). Os louvores e preces não podem servir de adormecimento da consciência moral, ao contrário, devem apontar para ela, como maneira de elevar o ser humano ao mais alto grau de moralidade. Assim, de acordo com o pensador, não é possível inculcar nas crianças fórmulas decorativas que não terão grande relevância do ponto de vista da formação da moralidade para elas, antes, no que se refere ao conhecimento religioso, basta que se lhes ensine que o modo mais eficaz de louvar a Deus consiste em agir segundo a sua vontade. Deve-se, segundo Kant, levar os pequenos a compreender que Deus é: *1. Senhor de sua vida e do universo; 2. Providente; e, finalmente, 3. Juiz; Aquele, cujo nome deveria ser pouco referido, a não ser em casos extremamente necessários. Contudo, ele lembra que os conceitos religiosos devem ser ensinados às crianças, porém, na medida certa, apenas de modo que seja possível fazer as crianças entenderem as práticas religiosas ao seu redor, sabendo a quem se dirigem as preces das pessoas e por quais motivos elas assim o fazem.*

3.3.1. Indicações à educação dos jovens

Em suas últimas recomendações na obra que analisamos, Immanuel Kant faz referência a uma realidade que, segundo ele, merece atenção: a juventude. Nessa fase, ao contrário do período inicial da vida, quando as crianças contentam-se facilmente com as respostas que lhe são dadas às suas perguntas, estamos diante de uma nova fase, na qual o

jovem está a despertar-se para novas realidades, entre elas, a realidade da própria sexualidade e descoberta da “distinção dos sexos”. O pensador alemão faz questão de enfatizar que este tema é tratado com certo pudor até mesmo nas sociedades menos evoluídas, às quais ele se refere como “selvagens”, até elas, guardam certa moderação com relação a esta realidade. Sobre este tema, lembra o autor, é preciso ser aberto e capaz de estabelecer certa comunicação, pois o silêncio diante do jovem poderia agravar e até mesmo gerar problemas. É preciso evitar que se faça tal qual em períodos anteriores, nos quais não se tocava no assunto da sexualidade, e pela experiência foi possível observar que isso foi danoso para as pessoas e para a sociedade em geral. A nova postura deve ser de abertura, capacidade de comunicar ao jovem de forma serena e eficaz. Ao atingir a idade em torno de treze ou quatorze anos é possível ao adolescente estabelecer este diálogo profícuo sobretudo com seus pais em torno da questão, muito embora, seja preciso esclarecer que a voluptuosidade precisa ser controlada, sob pena de trazer até prejuízos sérios para a vida, com consequências nefastas. Esse aspecto é relevante na medida em que pode ser motivo de queda ou de elevação para o próprio jovem.

Outro elemento que faz referência quanto ao jovem, é justamente a sua percepção das “diferenças de condição e da desigualdade entre os homens”, algo que enquanto criança não era notado, e agora torna-se presente e carece de ser explicado. Em situações bem concretas, orienta o pensador que “convém demonstrar aos adolescentes como a desigualdade entre os homens é uma certa ordem de coisas derivada das vantagens que algum homem buscou em relação a outro. A consciência da igualdade dos homens na desigualdade da ordem civil pode ser inspirada aos poucos” (KANT, 1999, p. 105). Algo, que pelo visto pode ser refletido passo a passo, de forma que o jovem passe a compreender a organização vigente da ordem civil. Na sequência das recomendações, transparece um pensador preocupado em indicar a receita para uma juventude em caminho educacional adequado, essa receita seria a moderação e o equilíbrio constantes, de modo a poder controlar os prazeres e ser sereno na hora dos cansaços que a existência lhe impõe. Tudo isso torna-se mais fácil com o recomendado bom humor e alegria, ambos, consequência de uma consciência tranquila e equilibrada, sempre tendo em vista os deveres, isto é, nada devo fazer apenas por ser adaptável às minhas inclinações, mas, faço-o porque entendo fazer parte de um dever, ao qual não posso renunciar.

Nessa perspectiva, é preciso orientar pedagogicamente os jovens, em última análise, para o bem geral da humanidade, mesmo quando por qualquer motivo esse bem não esteja de acordo com os seus anseios pessoais, e até mesmo os de sua pátria, de modo que aprendam a

respeitar os mais elevados valores morais, para o bem comum. Assim, o filósofo alemão traça o caminho pelo qual a educação deverá preparar o homem para ideais de moralidade, respeito e emancipação sob todos os pontos de vista. Uma educação voltada para a solidificação de um projeto, capaz de dar o *status* ao qual somente o ser humano pode chegar: a moralidade plena, capaz de fazer o ser humano realizado e verdadeiramente humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos abordar a questão educacional sob o horizonte do pensamento filosófico e pedagógico do filósofo Immanuel Kant. Sabemos que as contribuições pedagógicas do filósofo estão, em certa medida, atreladas às problemáticas próprias de sua época, situadas historicamente. Todavia, nos parece certo que tais problemáticas educacionais permanecem atuais e pertinentes na medida em que muitas delas permanecem em discussão nos dias atuais. Estamos, diante de um pensador que procura realizar a reunificação de realidades, nas quais o homem tem de sair do estado selvagem para adentrar no estado de humanidade propriamente dita, tem de sair da natureza para a plena liberdade, para assim, alcançar seu ideal mais profundo, seu sentido último de existir.

O filósofo alemão, já em seus últimos anos, deixou como legado de proposta pedagógica a obra *Sobre a Pedagogia*, um verdadeiro manual pedagógico, de propostas objetivas e diretas, mas isso não significa que o conjunto da sua obra não esteja permeado pela preocupação para com a problemática educacional. Autor de obras de grande envergadura intelectual, Kant, sobretudo nas obras de âmbito moral, sempre deixou transparecer que o homem deve se colocar na postura de quem “aprende a moralidade”, isto é, trata-se de um processo de aprendizagem, que necessariamente supõe uma maneira de se realizar pedagogicamente e sistematicamente. Dessa necessidade de se ensinar e aprender a moralidade, pode-se supor a grande contribuição que pode ser dada pela pedagogia. Assim, reiteramos que a preocupação pedagógica kantiana vai além daquilo que está posto na obra que analisamos até aqui. Todavia, esta obra é a grande síntese de sua brilhante contribuição para esta área.

A obra *Sobre a Pedagogia* realiza um verdadeiro diálogo com obras anteriores deste pensador, gerando assim um verdadeiro conjunto de pensamento em torno do qual muitos têm se debruçado até os nossos dias. Ao estudar *Sobre a Pedagogia*, percebemos sua relação mais ou menos direta com as obras que a precederam, tais como a *Crítica da Razão Prática*, *Metafísica dos Costumes*, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, *Ideia de uma História do ponto de vista cosmopolita*, *A Religião nos limites da simples razão*, e *Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?*, praticamente todas elas mencionadas de forma direta ou indireta ao longo do corpo do nosso trabalho, e das quais podemos constatar de forma inevitável as propostas pedagógicas deste grande pensador do Esclarecimento.

O grande ideal ao qual nos referimos ao longo deste trabalho, e que Kant pretende apresentar, é justamente o ideal da moralidade, embora ele reconheça que o homem seja um ser da natureza, subjugado pela selvageria em muitos momentos, este mesmo homem deve inexoravelmente caminhar na direção da superação desta realidade, para realizar-se naquilo que ele potencialmente pode ser: um ser plenamente moral. No desenrolar deste processo, a educação encontra sua razão de ser, seu “telos”, a partir do qual tudo deve caminhar, com seus métodos, práticas e planejamentos específicos. É um desafio para a educação propor uma certa reunificação dessas duas situações antagônicas nas quais o homem pode se encontrar: a natureza selvagem e a humanização sob o prisma da moralidade. A primeira é determinada pelas condições mais elementares de materialidade nas quais o homem pode estar preso, a segunda é a resposta à primeira, de modo que pelo processo de reafirmação do humano por meio da educação, o próprio homem poderá libertar-se dessas amarras e elevar-se até os ideais mais profundos de sua existência, superando quaisquer determinismos naturais, tudo sob o patrocínio da educação. No momento em que realiza um contraponto entre o homem natural e o homem moral, Kant eleva este último, dando-lhe o *status* teleológico do qual deve se ocupar a educação em cada esforço educativo feito pelos pais, em cada aula ministrada pelos professores na escola, em cada esforço pedagógico preparado em âmbito familiar ou escolar.

A ideia de perfeição é a ideia da moralidade, como um ideal a ser buscado permanentemente pelo homem, que, muito embora não tenha nascido pronto, deverá contar com a ajuda de outros para fazer-se, e é nesse sentido que os seres humanos mais preparados devem ajudar os menos preparados, de forma que uma geração ajuda, contribui e educa a outra que a sucedeu, em um processo contínuo de formação educacional. Em *Sobre a Pedagogia*, esse ideal começa desde os primeiros cuidados ofertados às crianças, até passar pela disciplina, como forma de negar aquilo que não faz bem e culmina na coação, para só então chegar a uma realidade mais prática, isto é, a formação do caráter do ser humano e sua própria educação para a moralidade. A obra se resume a três importantes etapas: o cuidado, a disciplina e por último a instrução, esta última sendo própria para fazer do ser humano prudente, culto e sobretudo, moral. Todos esses passos devem ser dados conjuntamente para que se possa chegar à meta estabelecida como ideal e necessária: a moralidade. Outro aspecto importante que foi ressaltado na obra e em nossa análise, refere-se ao valor do trabalho e do bom exemplo para o caminho de aprendizagem. O trabalho aparece como um contributo para que o homem saia do estado de selvageria, no qual não trabalha. Já, nos bons exemplos, é preciso usar o senso da justiça, de forma que em uma determinada sala de aula, o mestre

jamais demonstre predileção por um ou outro aluno, para que não se perca a certeza de que a lei é geral e tem validade para todos indistintamente.

No início deste trabalho, levantamos uma questão que consideramos relevante em nossa pesquisa, e a transcrevemos a seguir: *como pode a educação, entendida em nossa pesquisa e na obra kantiana, enquanto meio para a superação da animalidade em direção à busca da humanização do próprio homem, contribuir para o alcance da autonomia e, assim, formar indivíduos emancipados e livres?* Acreditamos que a resposta a esse questionamento inicial foi encontrada ao longo das páginas do nosso trabalho, tendo em vista o fato do pensador procurar orientar paulatinamente para a compreensão das formas pelas quais acontece esse processo de alcance da autonomia por meio da educação em situações bastante concretas. Todavia, consideramos que de acordo com as possibilidades de alcance do presente trabalho não nos foi possível demonstrar o alcance e os limites da proposta pedagógica kantiana que poderiam ser aplicáveis em nossos dias. No entanto, é perfeitamente possível afirmar que essa proposta possui uma aplicabilidade imediata no que se refere a alguns de seus importantes aspectos, a saber: a observação da idade dos pequenos alunos para que lhes seja possível compreender determinados direcionamentos e a importância dada à formação, preparação e papel dos professores.

Nos questionamos quanto à plausibilidade de implementação integral de uma educação nos moldes kantianos em nosso país, no entanto, nos parece que, ao menos no atual momento, isto não seria possível, tendo em vista as imensas dificuldades enfrentadas pela educação em todas as áreas e esferas responsáveis por ela. Nos parece importante salientar que uma educação nos moldes kantianos precisa estar fundamentada em ideais mais livres e autônomos, para que possibilite homens mais livres e autônomos. Uma educação menos mercadológica, menos ideológica e menos partidária, estará, menos comprometida em responder expectativas de grupos ou partidos e terá uma missão mais universal, semelhante àquela defendida pelo pensador alemão Immanuel Kant. Uma educação que esteja a serviço da conscientização racional de todos é bem mais próxima das propostas kantianas, uma vez que, quanto maior for o número de pessoas a deixar a menoridade intelectual, maior será o impacto do ponto de vista sócio/econômico e cultural.

Desse ponto de vista, cremos que nosso modelo educacional atual está longe de atingir tais ideais, quando se dedica apenas a preparar tecnicamente o aluno para o mercado de trabalho ou, na melhor das hipóteses, para adentrar no ensino superior por meio dos exames

organizados pelo governo. Não nos parece que haja de fato uma preocupação em preparar o indivíduo para uma emancipação, libertação e humanização, nos moldes propostos pelo pensador. Sendo assim, nos resta propor caminhos para as saídas possíveis, e para o estabelecimento de um modelo educacional que prepare gerações, e não somente indivíduos de forma isolada.

A educação em Kant é um processo que deve e pode ser alcançado pelo homem enquanto espécie, ao contrário do que hoje vemos, quando parte-se do pressuposto de que a educação é um mero trampolim para se alcançar objetivos meramente pessoais, sem qualquer ligação necessária com a coletividade, nem mesmo com os mais próximos. No que se refere à disciplina, percebe-se que a escola atual, sobretudo em nosso país, teria grande dificuldade em responder à altura do projeto kantiano de educação, pelo simples fato de que há muito tempo perdemos tal capacidade em nossas instituições, nas quais os professores que já tiveram por sua vez uma formação deficitária, não conseguem estabelecer a mínima noção de disciplina em sala de aula, em razão de vários fatores, entre eles, as próprias regras do sistema educacional vigente. Quando se tenta controlar a disciplina na escola por meio de agentes externos, deixa-se transparecer que não se consegue atingir tal intento internamente como deveria ser feito.

Finalmente, é importante salientar que muitos dos grandes nomes do pensamento moderno, filósofos, sociólogos, pedagogos e outros tantos profissionais, se puseram a levar em consideração as propostas kantianas para a educação, o que demonstra inequivocamente que esse autor permanece atual na medida em que nos for possível, não apenas estudar, mas também aplicar suas propostas, na medida do possível em nossa própria realidade. É possível, apesar das imensas dificuldades que se nos apresentam, buscar esses altos ideais, sem os quais, não faria sentido educar. Assim, é preciso ir em frente, buscando apontar caminhos e soluções para essa problemática, que nos desafia e nos instiga de forma imperativa para seguir adiante, com os olhos fixos no ideal de perfeição moral à qual somente o ser humano pode almejar, sempre pelo caminho da educação em todas as suas facetas, conforme nos foi indicado pelo filósofo Immanuel Kant.

REFERÊNCIAS

KANT, Immanuel, (1724-1804). **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2ª Ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

_____. **Crítica da Razão Prática**. Edição bilíngue, com reprodução da primeira edição original alemã de 1788. Tradução baseada nessa primeira edição, com introdução e notas de Valerio Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. Tradução Rodrigo Naves e Ricardo Terra. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Grandes filósofos, biografias e obras**. Edição de Eliel Silveira Cunha. Nova Cultural, São Paulo, 2005. (Os Pensadores)

REALE, Giovanni, Antiseri; Dario. **História da Filosofia: Do humanismo a Kant** / - São Paulo: Paulus, 1990.

WOOD, Allen W. **Kant** / Tradução Demalar José Volpato Dutra. / Porto Alegre / Artmed, 2008.

HOFFE, Otfried. **Immanuel Kant** / Tradução Christian Viktor Hamm, Valério Rohden. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARVALHO, A. B. **A Filosofia da educação kantiana: educar para a liberdade**. / São Paulo: Unesp, 2010.

CHAUI, M. **Convite à filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.